

Universidade do Vale do Rio dos Sinos -UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

Crístofer Batista da Costa

Bolsista CAPES/PROSUP

**Conflitos conjugais e estratégias de resolução:
Percepções de um grupo focal**

Orientadora:

Profa. Dra. Clarisse Pereira Mosmann

São Leopoldo
Fevereiro de 2015

CRÍSTOFER BATISTA DA COSTA

**Conflitos conjugais e estratégias de resolução:
Percepções de um grupo focal**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora:

Profa. Dra. Clarisse Pereira Mosmann

São Leopoldo
Fevereiro de 2015

C837c COSTA, Crístofer Batista da
Conflitos conjugais e estratégias de resolução:
Percepções de um grupo focal / por Crístofer Batista da
Costa. – 2015.
78 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
São Leopoldo, RS, 2015.

“Orientação: Profa. Dra. Clarisse Pereira Mosmann”.

1. Conflito conjugal. 2. Casamento. 3. Conjugês.
4. Família. I. Título.

Dedicatória

Dedico este mestrado *in memória* do meu pai Francisco Batista da Costa que no primeiro semestre deste curso deixou de estar presente em minha vida fisicamente. Desde então, permanece vivo em minhas lembranças e através de mim, que aprendi com ele a ser persistente, forte e otimista. Obrigado pelo legado meu pai e, onde quer que esteja, saiba que eu te amo muito.

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram para que eu conseguisse finalizar mais essa etapa importante da minha vida. Entre elas, faço um agradecimento especial às pessoas da minha Família que sempre me apoiam em minhas escolhas, decisões e me incentivam a seguir firme em meus objetivos. Perto ou longe vocês são referência de união e amor incondicional.

Agradecimento particular à minha orientadora Clarisse Mosmann pelas orientações e conhecimento que fizeram a diferença na minha forma de refletir, pesquisar e produzir conhecimento e, principalmente, pelo afeto com que me acolheu.

Epígrafe

Aprendi...

... que eu não posso exigir o amor de ninguém, posso apenas dar boas razões para que gostem de mim e ter paciência, para que a vida faça o resto.

... que não importa o quanto certas coisas sejam importantes para mim, tem gente que não dá a mínima e eu jamais conseguirei convencê-las.

... que posso passar anos construindo uma verdade e destruí-la em apenas alguns segundos. E que posso fazer algo em um minuto e ter que responder por isso o resto da vida.

... que por mais que se corte um pão em fatias, esse pão continua tendo duas faces, e o mesmo vale para tudo o que cortamos em nosso caminho.

... que vai demorar muito para me transformar na pessoa que quero ser, e devo ter paciência. Mas, posso ir além dos limites que eu próprio coloquei.

... que perdoar exige muita prática. Que há muita gente que gosta de mim, mas não consegue expressar isso.

... que posso ficar furioso, tenho direito de me irritar, mas não tenho o direito de ser cruel.

... que jamais posso dizer a uma criança que seus sonhos são impossíveis, pois seria uma tragédia para o mundo se eu conseguisse convencê-la disso.

... que as circunstâncias de minha infância são responsáveis pelo que eu sou, mas não justificam o que eu faço quando adulto.

... que, quando duas pessoas discutem, não significa que elas se odeiam; e quando duas pessoas não discutem não significa que elas se amam.

... que por mais que eu queira proteger os meus filhos, eles vão se machucar muitas vezes e eu também. Isso faz parte da vida.

... que as palavras de amor perdem o sentido, quando usadas sem critério.

Aprendi, afinal, que é difícil traçar uma linha entre ser gentil, não ferir as pessoas, e saber lutar pelas coisas em que acredito.

(Autor Desconhecido)

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
1 APRESENTAÇÃO	10
2 SESSÃO DE ARTIGOS	12
2.1 Artigo: Conflitos conjugais	12
2.1.1 Introdução.....	14
2.1.2 Método.....	18
2.1.3 Resultados e discussão.....	21
2.1.4 Considerações finais.....	30
2.1.5 Referências.....	32
2.2 Artigo: Estratégias de resolução dos conflitos conjugais	37
2.2.1 Introdução.....	38
2.2.2 Método.....	44
2.2.3 Resultados e discussão.....	47
2.2.4 Considerações finais.....	55
2.2.5 Referências.....	57
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	63
REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO	65
APÊNDICES	69
Apêndice A – Estrutura do grupo focal	70
Apêndice B - Dados Sócio Demográficos e Escala de Conflito	76

CONFLITOS CONJUGAIS E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO FOCAL

RESUMO

O objetivo da presente dissertação foi investigar os motivos de conflito, seus níveis, as estratégias de resolução de conflito e a reverberação destes fatores na conjugalidade. Trata-se de um estudo misto, no qual os dados quantitativos foram coletados através da escala de conflito conjugal e os qualitativos por meio de um grupo focal. Na etapa quantitativa 200 indivíduos responderam a escala de conflito conjugal e na qualitativa nove pessoas participaram de um grupo focal. Os dados quantitativos foram submetidos à análise de comparação de médias e os qualitativos à análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa apontaram os filhos, as experiências na família de origem e o dinheiro como os motivos de conflito mais evidentes. Sentimentos, expectativas e a predisposição ao diálogo foram decisivas para a resolução dos conflitos dos participantes. Os conflitos conjugais e as estratégias de resolução são inerentes à conjugalidade, interagem sistemicamente e podem estar associados às características pessoais dos cônjuges e ao tempo de casamento. O tema em questão carece de mais investigação pela sua amplitude e por ser um fenômeno que se atualiza constantemente.

Palavras-chave: casamento; cônjuges; conflito conjugal; resolução de problemas

**MARITAL CONFLICT AND RESOLUTION STRATEGIES:
PERCEPTIONS OF A FOCUS GROUP**

ABSTRACT

The aim of this dissertation was to investigate the reasons of conflict, their levels, the conflict resolution strategies and the reverberation of these factors on marital. This is a joint study in which quantitative data were collected through the marital conflict scale and quality through a focus group. In the quantitative stage 200 individuals responded to marital conflict scale and qualitative nine people participated in a focus group. Quantitative data were submitted to mean comparison analysis and qualitative content analysis. The survey results showed the children, the experiences in their birth family, finance, different characteristics and preferences of each spouse and the time to be together as the most evident reasons of conflict. Feelings, expectations and the willingness to dialogue are crucial to the resolution of conflicts and depend on their characteristics and the changes that occur over time of marriage. Marital conflict and resolution strategies are inherent in the conjugality, they interact systemically and they are associated as the time of marriage and personal characteristics of the couple. The topic in question needs more investigation because of its size and because it is a phenomenon that is constantly being updated.

Keywords: marriage; spouses; marital conflict; problem solving

1. APRESENTAÇÃO

As relações conjugais exercem força potencial sobre a instituição familiar, principalmente, sobre o desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos (Engle & McElwain, 2013; Gerard, Krishnakumar, & Buheler, 2006; Margolin, Gordis, & Oliver, 2004; Mosmann, Wagner, & Sarriera, 2008; Silveira, 2011). Na literatura científica nacional e internacional existem evidências empíricas que suportam a relevância do referido tema (Cummings, 1998; Cummings & Davies, 2002; Mosmann & Falcke, 2011; Rehman et al., 2011) e o impacto que relações conjugais perpassadas por conflitos graves, intensos, frequentes e sem resolução construtiva provocam na vida dos cônjuges e na saúde do ambiente familiar (Gerard, et al., 2006; Goeke-Morey, Cummings, & Papp, 2007).

A busca por tratamento psicológico, devido aos problemas emocionais associados às dinâmicas conjugais disfuncionais, é recorrente na clínica psicológica. Divergências que perpassam a conjugalidade de forma intensa e frequente tendem a eclodir em outras áreas, como profissional, acadêmica, social e familiar, provocando ainda mais sofrimento ao indivíduo (Adler-Baeder, Higginbotham, & Lamke, 2004; Carroll & Doherty, 2003; Sandberg, Miller, Harper, Robila, & Davey, 2009).

Nesse sentido, pesquisas internacionais têm contribuído fortemente para a compreensão dos conflitos conjugais e das estratégias de resolução utilizadas pelos cônjuges (Anderson & Johnson, 2010; Bertoni & Bodenmann, 2010; Cundiff, Smith, & Frandsen, 2012; Dush & Taylor, 2012; Madhyastha, Hamaker, & Gottman, 2011; Graber, Laurenceau, Miga, Chango, & Coan, 2011; Schoebi, Karney, & Bradbury, 2012; Sierau & Herzberg, 2012; Veldorale-Brogan, Lambert, Fincham, & DeWall, 2013; Wheeler, Updegraff, & Thayer, 2010; Whiting, 2008). Entretanto, os resultados

são bastante heterogêneos pois, em sua maioria, apresentam modelos explicativos compartimentalizados e que pouco elucidam quanto à repercussão dos conflitos e das estratégias na conjugalidade. No contexto nacional, os estudos são escassos (Bolze, Schmidt, Crepaldi, & Vieira, 2013; Mosmann & Falcke, 2011), evidenciando a necessidade de pesquisas e de resultados empíricos considerando as idiossincrasias próprias da cultura brasileira (Benetti, 2006).

Ademais, contribuir no campo da pesquisa científica e da prática clínica do psicólogo nos mais variados contextos, é outra justificativa para a realização da presente investigação (Castro, 1999; Peuker, Habigzang, Koller, & Araujo, 2009). Para tanto, na linha de pesquisa “Estados psicopatológicos e abordagens psicoterápicas”, do presente programa de pós-graduação, são desenvolvidos estudos com o objetivo de propiciar a interdependência e a complementariedade entre a pesquisa e a prática profissional para que ciência e profissão caminhem juntas.

A presente dissertação se constitui de dois artigos empíricos por meio dos quais buscou-se responder ao objetivo geral da pesquisa: investigar os motivos de conflito, seus níveis, as estratégias de resolução de conflito e a reverberação destes fatores na conjugalidade.

2. SESSÃO DE ARTIGOS

2.1 Artigo I: Conflitos conjugais em casamentos de longa duração: motivos e sentimentos

Resumo

Os conflitos conjugais constituem um fenômeno complexo que têm repercussões na saúde física e mental dos cônjuges. Entretanto, ainda é pouco estudado no contexto nacional e, especialmente, em casamentos de longa duração. O objetivo desta pesquisa foi identificar e compreender os motivos dos conflitos conjugais e os sentimentos que emergem dessas situações em casamentos de longa duração. Trata-se de um estudo misto, exploratório e sequencial. Na etapa quantitativa 200 indivíduos responderam a escala de conflito conjugal e na qualitativa nove pessoas participaram de um grupo focal. Os dados quantitativos foram submetidos à análise de comparação de médias e os qualitativos à análise de conteúdo. Os resultados apontaram a concordância dos participantes de que os conflitos fazem parte da conjugalidade e podem ser construtivos ao casamento. Os motivos de discórdia encontrados foram os filhos, as experiências nas famílias de origem, as finanças, as diferentes características e preferências de cada parceiro e o tempo para ficar juntos. Identificou-se também que os sentimentos dos cônjuges no decorrer das situações de conflito interferem na resolução dos desacordos conjugais. Estudos com casais recém casados e em diferentes etapas do ciclo vital familiar poderiam contribuir para ampliar a compreensão do tema em questão.

Palavras-chave: casamento, conflito conjugal, relações conjugais.

Abstract

Marital conflicts are complex phenomena that affect physical and mental health of the spouses. However, they have been little studied in the national context, and in particular in long-term marriages. The objective of this research was to identify and understand the reasons for marital conflicts and feelings that emerge from these situations in long-term marriages. It is a mixed, sequential and exploratory study. In the quantitative stage, 200 individuals answered to marital conflict scale and in the qualitative one, nine people participated in a focus group. Quantitative data were submitted to average comparison analysis and qualitative content analysis. The results indicated the agreement of the participants that conflicts are part of the marital relationship and can be constructive to marriage. The reasons of disagreement found were: the children, the experiences in families of origin, finance, different characteristics and preferences of each partner and the time to be together. It also identified that the feelings of the spouses in the course of conflict situations interfere with the resolution of marital disagreements. Studies with newly married couples at different stages of the family life cycle could contribute to increased understanding of the topic.

Keywords: marriage, marital conflict, marital relations.

Resumen

Los conflictos maritales constituyen en fenómeno complejo que tiene repercusiones en la salud física y mental de los cónyuges. Sin embargo, aún está poco estudiado en el contexto nacional y, en especial, en matrimonios de larga duración. El objetivo de este estudio fue identificar y comprender las razones de los conflictos maritales y los sentimientos que emergen de esas situaciones en matrimonios de larga duración. Se trata de un estudio misto, exploratorio y en secuencia. En la etapa cuantitativa 200

individuos respondieron a la escala de conflicto conyugal y en la cualitativa, nueve personas participaron en un grupo focal. Los datos cuantitativos fueron sometidos al análisis de contenido. Los resultados enseñan el acuerdo de los participantes que los conflictos son parte de la relación de pareja y pueden ser constructivos al matrimonio. Los motivos de desacuerdo fueran los hijos, las experiencias en las familias de origen, finanzas, los distintos rasgos personales y preferencias de cada cónyuge y el tiempo para estar juntos. Se identificó también que los sentimientos de los cónyuges en el curso de las situaciones de conflicto tienen interferencia en la resolución de desacuerdos maritales. Los estudios realizados con parejas de recién casados en las diferentes etapas del ciclo de vida de la familia podrían contribuir a una mayor comprensión del tema.

Palabras-clave: matrimonio, conflicto conyugal, relación de pareja.

Introdução

Situações de conflito sempre estiveram presentes nas relações conjugais e vêm sendo investigadas no meio científico há mais de duas décadas (Cummings & Davies, 2002). Os atritos são parte do processo de adaptação natural entre os cônjuges e, por isso, não apontam necessariamente para a disfuncionalidade de uma relação (Bertoni & Bodenmann, 2010). Ao ser gerenciado construtivamente, o conflito pode repercutir, inclusive, de forma positiva na conjugalidade através de comportamentos de validação e apoio entre os parceiros (Verhofstadt, Buysse, Ickes, De Clercq, & Peene, 2005).

A literatura conceitua conflito conjugal como um acontecimento em que os cônjuges divergem. Caracteriza-se como mais ou menos grave pela frequência e intensidade com que ocorre, pelo seu conteúdo e pelas estratégias de resolução utilizadas (Mosmann & Falcke, 2011; Rehman et al., 2011).

Os conflitos são destrutivos se evoluem para agressão física ou verbal, ameaças

de abandono da relação, hostilidade, discussões em tom exaltado, posicionamento rígido e indisponibilidade para resolver o problema. Os conflitos são construtivos se possibilitam ouvir a opinião e os compromissos do parceiro sobre a situação, respeitar as diferenças e compreender que nem sempre os problemas serão resolvidos numa primeira tentativa (Cummings & Davies, 2002).

As pesquisas sobre os motivos de conflito e sobre as variáveis que explicariam as variações na intensidade e frequência com que estes conflitos ocorrem no relacionamento são controversas na literatura (Mosmann & Falcke, 2011; Zordan, Wagner, & Mosmann, 2012). Alguns estudos indicam que os conflitos estão associados mais fortemente com a forma como os cônjuges se comunicam do que com o conteúdo comunicado (Karahan, 2009; Silva & Vandenberghe, 2009; Torossian, Heleno, & Vizzotto, 2009). Outras pesquisas apontam que a negociação frente aos conflitos dependerá das características de personalidade dos cônjuges (Iveniuk, Waite, Laumann, McClintock, & Tiedt, 2014; Pazo & Aguiar, 2012; Veldorale-Brogan, Lambert, Fincham, & DeWall, 2013). Nesse sentido, existem fatores individuais e interacionais que se relacionam a ocorrência de conflitos conjugais.

Os motivos de conflito no casamento estão relacionados também a múltiplas situações, como à percepção de injustiça na divisão dos trabalhos domésticos, ao investimento excessivo em questões pessoais, ao quanto a relação está mais aberta ou fechada à influência de fatores ambientais e às questões de equidade e tomada de decisão unilateral (Faulkner, Davey, & Davey, 2005; Giudici, Widmer, & Ghisletta, 2011). Outros estudos apontam ainda como motivos de conflito entre o casal a educação dos filhos, o tempo que os cônjuges têm para ficar juntos, a divisão das tarefas domésticas, o sexo, as questões legais e o dinheiro (Mosmann & Falcke, 2011; Stieglitz, Gurven, Kaplan, & Winking, 2012).

Algumas pesquisas encontraram associação entre os conflitos conjugais e as experiências negativas na família de origem. Estas envolvem as memórias do relacionamento dos pais (Curran, Ogolsky, Hazen, & Bosch, 2011); os conflitos conjugais dos pais (Darling, Cohan, Burns, & Thompso, 2008) e os conflitos na família de origem das esposas (Topham, Larson, & Holman, 2005). A vivência feminina influenciaria mais fortemente a estrutura e a dinâmica conjugal por manter uma conexão mais significativa com a sua família de origem durante o casamento, ampliando e aprofundando as repercussões que essas conexões têm sobre as próprias esposas e sobre o casamento.

Além disso, os sentimentos e as expectativas que os cônjuges têm sobre o seu casamento também interferem no desfecho dos conflitos conjugais (Miller & Rempel, 2004; Sanford, 2006). Segundo os autores, os sentimentos e as expectativas podem mudar ao longo do tempo e são explicados mais fortemente pela interpretação que os cônjuges fazem dos motivos subjacentes do que pelo motivo de conflito propriamente.

Nessa direção, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2006, com 77 casais avaliou a variação na comunicação intrapessoal durante o conflito em casais com menos de três anos de união. Os resultados apontaram que as expectativas positivas determinaram a resolução de conflitos construtiva por meio de estratégias como cooperação e as expectativas negativas determinaram os comportamentos de autoproteção, defesa e ataque, tornando-se uma profecia autorrealizadora durante o conflito conjugal (Sanford, 2006).

Em direção contrária, Sullivan, Pasch, Johnson e Bradbury (2010), consideram que a expressão de certas emoções não interfere na conjugalidade até o primeiro ano do casamento. De acordo com os autores, os cônjuges não demonstram sentimentos negativos oriundos das situações de conflito como recém-casados, pois estão na fase de

encantamento, das novidades e planos para o futuro. Entretanto, mágoas e situações não resolvidas nesse período podem emergir em outro momento e se tornar fundamentais à resolução dos conflitos no casamento.

As avaliações e os comportamentos durante os conflitos conjugais foram investigados também em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2009, com 300 casais, em duas fases do ciclo vital: casais de meia idade (tempo de união médio de 18,4 anos) e casais mais velhos (tempo de união médio 36,4 anos). Os resultados indicaram que casais mais velhos apresentam mais positividade, menos ansiedade e negatividade e são menos submissos durante o conflito conjugal. Encaram os desentendimentos como menos angustiantes do que os casais de meia idade, relatam menos raiva e percebem o cônjuge como menos hostil (Smith et al., 2009).

De acordo com alguns pesquisadores (Smith et al., 2009; Sullivan et al., 2010), o tempo de relacionamento é uma variável a ser considerada na avaliação dos conflitos conjugais. Nesse sentido, as relações definidas como de longa duração, neste estudo, foram aquelas com tempo superior a 15 anos. Esse parâmetro foi definido com base na média dos casamentos oficializados no Brasil, segundo dados do IBGE (2013).

Conforme apresentado, a ocorrência dos conflitos conjugais está associada a diversos fatores, entre eles: os problemas de comunicação (Karahan, 2009; Silva & Vandenberghe, 2009; Torossian et al., 2009); as características de personalidade (Iveniuk, et al., 2014; Pazo & Aguiar, 2012); a influência do ambiente, o investimento excessivo em questões pessoais (Faulkner et al., 2005; Giudici et al., 2011); a divisão das tarefas domésticas e as finanças (Mosmann & Falcke, 2011; Stieglitz et al., 2012). São apontadas também as experiências na família de origem (Curran et al., 2011; Darling et al., 2008; Topham et al., 2005) e os sentimentos e expectativas diante dos conflitos conjugais (Miller & Rempel, 2004; Sanford, 2006).

Conflitos frequentes, intensos e via estratégias destrutivas podem culminar em separação, são preditores de irritabilidade e crítica destrutiva, repercutem negativamente na qualidade de vida dos cônjuges e estão associados à busca por serviços de saúde (Zordan et al., 2012). Ademais, o sofrimento psíquico decorrente de dinâmicas conjugais conflituosas culmina em um contexto que longitudinalmente reverbera de forma deletéria na saúde mental dos cônjuges e seus filhos (Goeke-Morey, Cummings, & Papp, 2007).

Apesar de as pesquisas encontradas apontarem os motivos dos conflitos conjugais e outras variáveis associadas à sua ocorrência, a forma como esses fatores se expressam na dinâmica conjugal ainda necessita ser explorada. Além disso, a escassez de pesquisas sobre os conflitos conjugais no contexto nacional (Bolze, Schmidt, Crepaldi, & Vieira, 2013), e as repercussões que elevados níveis de conflito provocam aos membros da família, justifica estudos com esse enfoque. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa foi identificar e compreender os motivos dos conflitos conjugais e os sentimentos que emergem dessas situações em casamentos de longa duração.

Método

Delineamento: trata-se de um estudo misto, exploratório e sequencial.

Método - Etapa I

Amostra: a parte quantitativa do estudo contou com 200 participantes (100 homens e 100 mulheres), residentes no estado do XXX e selecionados pelo critério de conveniência. Os participantes responderam a um estudo maior XXX. Os critérios de seleção foram ser heterossexual, estar casado ou vivendo em união estável e ter filhos. A idade média dos participantes foi de 41,81 anos ($DP = 7,82$), sendo 22 anos a idade

mínima e 66 anos a idade máxima e o tempo médio de união foi de 18,26 anos ($DP = 6,68$).

Instrumento: Escala de Conflito Conjugal (Buehler & Gerard, 2002, adaptada por Mosmann, Wagner, & Sarriera, 2008). São apresentados nove itens separadamente em duas subescalas. A primeira denominada “conflito-desentendimentos” possui seis itens, avaliados em uma escala Likert de seis pontos, que se referem à frequência com que os respondentes experimentaram desentendimentos com seus parceiros no último ano. A outra sub-escala denominada “conflito-agressão” possui três itens pontuados em uma escala Likert de cinco pontos, referentes a intensidade dos conflitos ($\alpha = 0,78$).

Coleta e Análise dos dados: os participantes foram indicados por pessoas conhecidas dos assistentes de pesquisa, critério de conveniência, que os contatou por telefone, convidando-os para participar do estudo. Diante do aceite, agendou-se dia e hora em que os assistentes foram à casa dos participantes. O instrumento foi respondido na presença dos assistentes. Os dados quantitativos foram analisados por meio do SPSS versão 20. Foram feitas análises descritivas de médias sobre os principais motivos dos conflitos conjugais e inferenciais de comparação entre eles (ANOVA).

Método - Etapa II

Participantes: a parte qualitativa do estudo contou com nove pessoas provenientes da coleta quantitativa. Os participantes foram: cinco mulheres e quatro homens, heterossexuais, vivendo em união estável, com filhos e residentes no XXX. A idade mínima dos participantes foi de 40 anos e a máxima de 57 anos; o tempo de união variou de 20 a 32 anos; quanto à escolaridade, quatro participantes cursaram ensino médio ou técnico e cinco o ensino superior; todos exerciam atividade remunerada, trabalhando de seis a 14 horas/dia; a remuneração pelo trabalho variou de 2 e 4 salários

mínimos ($n=4$), de 6 e 10 ($n=2$) e de 10 e 15 salários ($n=3$); o número de filhos foi de 1 a 4, sendo que a idade da prole variou de 2 a 31 anos de idade.

Instrumento: Grupo Focal. Os grupos focais são pequenos e devem acontecer em ambiente não diretivo em que se discutem temas específicos. Além disso, nos grupos, acontece a influência mútua entre os participantes através da interação, propiciando a emergência de questões individuais e coletivas enriquecedoras do material de análise. Os participantes são selecionados de acordo com o objetivo do estudo que determinará as características do grupo (Flick, 2009; Minayo, Souza, Constantino, & Santos, 2008).

Coleta e Análise dos dados: na segunda etapa do estudo, realizada aproximadamente um ano depois da parte quantitativa, os respondentes que marcaram a opção “tenho interesse em participar de outras pesquisas no XXX” ao final do questionário foram contatados, somando um total de 38 pessoas. Destas, 17 declinaram do convite, 21 confirmaram participação e 9 comparecem no dia agendado para a realização do grupo focal. Na ligação telefônica, os participantes foram convidados para um encontro em que se debateriam temas relacionados ao cotidiano da vida conjugal, como os principais motivos dos conflitos conjugais e as formas de resolvê-los. Dois moderadores conduziram o grupo focal que aconteceu em espaço reservado na instituição de ensino à qual o projeto maior está vinculado. O encontro iniciou às 19h30min e terminou às 22h. Os dados qualitativos, conversações no grupo focal, foram transcritos integralmente e examinados através do método de análise de conteúdo, técnica que utiliza um conjunto de procedimentos sistemáticos, metodicamente explícitos e replicáveis através dos quais são feitas inferências válidas de um texto (Gibbs, 2009). As etapas que compuseram o processo de análise, segundo Bauer (2008), foram: a) Leitura detalhada e repetida do material transcrito com o objetivo de conhecer

integralmente o texto; b) Identificação das unidades de sentido; c) Categorização temática das unidades de sentido e agrupamento das categorias em eixos temáticos definidos *a posteriori*; d) Identificação de intenções particulares, considerando o conteúdo manifesto, a interpretação e as inferências com base na experiência do pesquisador e à luz da teoria sistêmica. Nas sessões de resultados e discussão os dados quantitativos foram integrados aos dados qualitativos.

Procedimentos éticos: o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino sob protocolo número 11/016 (parte quantitativa) e 495.313 (parte qualitativa). O termo de consentimento livre e esclarecido foi lido e assinado pelos participantes nas duas partes do estudo e destacava sobretudo os cuidados éticos na utilização dos dados e garantia do anonimato dos participantes. Além disso, foram seguidas todas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas, envolvendo seres humanos, conforme orientações das Resoluções 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012) e 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (2000).

Resultados e discussão

Na tabela 1, são apresentados os resultados das análises descritivas de médias quanto à frequência dos motivos dos conflitos conjugais.

Motivos	X	DP
Tempo para ficar juntos	3,07	1,95
Sexo	2,62	1,53
Filhos	2,44	1,60
Tarefas domésticas	2,17	1,40
Dinheiro	2,07	1,28
Questões legais (crédito, bens, contratos, etc)	1,63	1,25

Identificou-se, conforme tabela 1, que a maior média, indicando o motivo de conflito mais referido pelos participantes, foi o tempo para ficar juntos, seguido pelo

sexo e pelos filhos. O motivo menos frequente foi relacionado a questões legais.

Na comparação com os demais motivos o “tempo para ficar juntos” foi significativamente o motivo de conflito mais referido pelos participantes. Por meio de ANOVA, foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre a variável de comparação (tempo para ficar juntos) e os demais motivos: sexo ($F(29,861)=19,959$; $p=,000$); filhos ($F(18,467)=8,821$; $p=,000$), tarefas domésticas ($F(12,260)=7,458$; $p=,000$); questões legais ($F(8,971)=6,727$; $p=,000$); dinheiro ($F(6,862)=4,601$; $p=,000$).

A etapa II (qualitativa) foi realizada para ampliar a reflexão sobre os conflitos conjugais. Através dos procedimentos de análise de conteúdo do grupo focal, emergiram três eixos temáticos: Eixo I: Percepções sobre a presença de conflitos na conjugalidade; Eixo II: Motivos dos conflitos conjugais, divididos em cinco categorias: a) filhos, b) experiências na família de origem, c) finanças, d) diferentes características e preferências, e e) tempo para ficar juntos; Eixo III: Sentimentos que emergem durante os conflitos. As categorias são exemplificadas apenas com as falas mais representativas do conteúdo exposto e, para preservar a identidade dos envolvidos na pesquisa, seus nomes foram substituídos por códigos, quais sejam: homens como H1, H2, H3 e H4 e mulheres como M1, M2, M3, M4 e M5.

Eixo I: Percepções sobre a presença de conflitos na conjugalidade

Neste eixo se apresenta o entendimento de que determinadas divergências são esperadas dentro de um casamento e, ainda, que todos os casais, mais cedo ou mais tarde, enfrentarão conflitos muito semelhantes, pois são situações consideradas comuns no cotidiano conjugal, **H4**: *não adianta, sempre tem as brigas, é normal. Porque tu tá junto ali não vai existir 100%, então as diferenças vão existir sempre, depende do que tu estipula que o outro, na tua vida conjugal, que tu vai aceitar e o que tu não vai*; **H1**:

E os casais têm os momentos difíceis, de discussões, de crises e isso acontece.

Compreende-se, através das falas, que os conflitos são inevitáveis e, portanto, ter clareza de que o relacionamento passará por momentos de crise e o parceiro cometerá erros, uma hora ou outra, permitirá transformar a expectativa e perceber os problemas de outra forma. Estes resultados corroboram o que apontam alguns pesquisadores (Bertoni & Bodenmann, 2010; Verhofstadt et al., 2005) de que os conflitos, além de esperados, indicam um processo de amadurecimento conjugal no qual os parceiros tentam negociar as diferenças e ajustá-las de modo a tornar a conjugalidade satisfatória para ambos.

Além de reconhecer que todos os casais têm conflitos, é preciso encará-los com maturidade e não se sentir desestimulado, afinal, conforme Cummings e Davies (2002), grande parte dos conflitos compõe fases transitórias pelas quais os cônjuges possivelmente passarão. Ademais, as divergências e a rotina dentro do casamento podem servir como propósito para que os parceiros invistam na conjugalidade, unam-se para resolver os conflitos e para tornar a vida a dois mais prazerosa, **H1:** *Sempre é bom ter um conflito diferente, porque se não o casamento cai na monotonia, ah a gente já se conhece, tá tudo bem;* **M1:** *tem dias que tu não tá legal, porque tu vai somando. Não, mas isso aqui, hoje eu já não tô legal, já tô meio azeda, então vou relevar, porque aconteceu isso, aconteceu aquilo, então tu tem que parar e pensar;*

Eixo II: Motivos dos conflitos conjugais

São apresentados neste eixo temático “Motivos dos conflitos conjugais”, cinco categorias sobre os motivos dos conflitos conjugais mencionados pelos participantes nas discussões do grupo focal, quais sejam: a) filhos; b) experiências na família de origem; c) finanças; d) diferentes características e preferências gostos; e e) tempo para ficar

juntos.

De acordo com os participantes, questões referentes à educação e ao comportamento dos filhos podem provocar conflitos entre o casal. **M2:** *tem os filhos também né, a criação dos filhos. Às vezes não entram em acordo certo um com o outro pra educar o filho né;* **H1:** *hoje o meu casamento, um dos maiores conflitos também na minha realidade, na nossa realidade e família, um dos maiores também está em função dos filhos tá.*

Além disso, a saída dos filhos da casa dos pais mais tardiamente também foi citada como motivo de conflito. Os participantes referiram que os filhos crescem, começam namorar e, muitas vezes, vivem uma vida de casal dentro da casa dos pais. Dessa forma, a conjugalidade dos cuidadores sofre a interferência dos problemas com os filhos adultos, pois os pais permanecem exercendo a função parental e discordam, por exemplo, sobre consentir que um outro subsistema conjugal se instale. **M5:** *porque eu tenho o meu filho de 28 anos que mora comigo. Às vezes gera conflito. Até porque ele tem namorada e tudo né, a namorada vem pra cá, a família dela, daí ela fica mais na minha casa do que na família, e daí tem todo, daí eles querem o espaço deles, mas eles são bem espaçosos daí tem que ficar, o meu marido ele já não fala, mas ele deu a entender;* **H3:** *os conflitos com o tempo não são mais teus [...]. O nosso conflito hoje é por causa do nosso filho, que a gente começa ter que resolver aquilo ali, daqui um pouco ela pensa de um jeito e eu penso do outro.*

Esses resultados podem estar associados as etapas do ciclo vital familiar, conforme Carter e McGoldrick (1995). Os participantes do estudo, tanto da parte quantitativa quanto da parte qualitativa, encontram-se em três etapas: famílias com filhos pequenos, famílias com adolescentes e lançando os filhos e seguindo em frente. Na escala de conflito (etapa quantitativa), os filhos foram apontados pelos respondentes

como o terceiro motivo de discórdia mais frequente no casamento. Esse resultado, em termos de média, corrobora os achados qualitativos que apontam os filhos como motivo de conflito entre o casal quando são crianças e adolescentes e quando se tornam adultos e permanecem na casa dos pais.

Com relação às etapas do ciclo vital, famílias com filhos pequenos e famílias com filhos adolescentes, o casal parental pode discordar sobre a educação dos filhos e sobre o manejo adequado frente às características e comportamentos típicos da fase adolescente. Os desacordos no exercício da função parental podem ser percebidos pela prole que terá ainda mais dificuldade de ser contida pelos pais, retroalimentando o problema. Tais dificuldades podem ter provocado reflexos no relacionamento dos participantes que acabam apontando os filhos como motivo de conflito, conforme defendem Mosmann e Falcke (2011).

Além disso, foi apontado como motivo de conflito conjugal, a permanência dos filhos adultos na casa dos pais na etapa do ciclo vital denominada “lançando os filhos e seguindo em frente” (Carter & McGoldrick, 1995). Este achado corrobora as ideias de Ponciano e Féres-Carneiro (2014) sobre uma possível característica da sociedade atual, em que os filhos estão saindo de casa mais tarde e os pais tendem a se responsabilizar por eles durante mais tempo em termos de subsistência e cuidado. Seja, então, para poder dedicar-se à formação profissional, por questões econômicas e até mesmo devido à independização emocional entre pais e filhos, essa tendência é referida como motivo de conflito. Conjectura-se que as famílias são cada vez menores e os pais investem mais nos filhos, deixando de lado, muitas vezes, interesses pessoais e conjugais e, conseqüentemente, a prole tem dificuldades de sair da segurança financeira e emocional do lar para iniciar um novo ciclo de vida independente.

A segunda categoria são as experiências na família de origem. Tais vivências,

segundo a fala dos participantes, repetiram-se na nova família, revelando que os cônjuges levaram para os seus casamentos características de um modelo familiar. **H1:** *muita coisa a gente procura não copiar né, ou não praticar e as vezes é um ato involuntário, porque isso deixa feridas também.* **M1:** *porque a minha mãe sempre aceitou muita coisa assim e ficava quieta, engolia, então eu, eu não!*

Além disso, os participantes falaram sobre o vínculo e a interferência das famílias de origem das mulheres na relação do novo casal, fato que gerou conflitos entre eles. **H1:** *Os pais que as vezes eu vejo na minha esposa, nas atitudes dela e que eu sei que isso traz um problema conjugal muito forte, pode trazer, é por isso que eu, quando eu quero ferir eu digo, Fulana dois. A Fulana não veio mas tá a secretária;* **M5:** *eu nunca fiquei longe dos meus pais, eu sempre fui muito dependente da minha família.*

De acordo com os dados, a família de origem pode exercer influência e, conseqüentemente, gerar situações de conflito na conjugalidade dos filhos de duas formas: a) direta, por meio de relações excessivamente próximas em que os familiares opinam e interferem nas decisões que competem exclusivamente ao casal; e b) indireta, através de experiências que se repetem ou que são reprimidas, provocando, nos dois casos, alguma repercussão no relacionamento. Esses resultados confirmam as ideias de alguns autores (Curran et al., 2011; Darling et al., 2008; Topham et al., 2005), de que as experiências negativas junto à família de origem deixam marcas significativas na vida do indivíduo e se transformam em áreas de conflito mais difíceis de gerenciar. São passagens vividas durante a infância e a adolescência que emergem quando o indivíduo se torna adulto, constitui família e se conecta a situações semelhantes às que viveu no passado, repetindo comportamentos familiares à sua história de vida.

Além disso, foi discutido no grupo que as mulheres, preponderantemente, repetem experiências vividas na família de origem. Elas, muitas vezes, casam-se e

mantêm uma proximidade excessiva com os familiares, atrapalhando a construção da nova vida conjugal e familiar. Esse resultado corrobora o que defende Topham et al. (2005) sobre as famílias de origem exercerem maior influência sobre a mulher e, principalmente, no início do casamento.

De acordo com os participantes, as finanças também foram motivo de conflito no casamento deles. As principais questões apontadas foram o desemprego de um dos parceiros, as preocupações relacionadas com a falta de dinheiro, a sobrecarga sobre o membro da relação que paga as despesas sozinho, os problemas na administração das finanças e o fato de a mulher ganhar mais que o marido ou não trabalhar fora.

M1: *eu acho que também a falta de dinheiro as vezes, o desemprego, então as vezes um só está trabalhando não consegue, fica jogando na cara, ô fulano, tu não ajuda, tu não trabalha fora. Se a esposa tá trabalhando em casa, trabalha tanto quanto na rua né. Mas as vezes o homem não tem essa noção né; **M4:** *hoje, as vezes acontece de a esposa ganhar bem mais que o esposo. Ou tu não saber lidar com as tuas finanças né.**

Os resultados encontrados sobre os conflitos conjugais associados às finanças apontam efetivamente para o quanto o referido tema é sensível, corroborando outros estudos que apontam a importância dessa variável na conjugalidade (Mosmann & Falcke, 2011; Stieglitz et al., 2012). Uma possibilidade de entendimento para este achado é o de que as finanças representam para algumas pessoas outras necessidades, como subsistência, interesses pessoais, e têm outros significados, como segurança, igualdade, poder, controle, entre outros.

Foi referido, também, como motivo de conflito conjugal nos relacionamentos dos participantes, determinadas características no jeito de ser do parceiro e as diferenças entre o casal em termos de lazer, **M1:** *às vezes imaturidade da mulher que não aceita*

um hobby que o homem tem. A mulher gosta, vamos supor, de dançar, dança de salão, ou dança de CTG, enfim, o marido não gosta, aí vão nas festas ele fica emburrado, ou já nem vão; H3: a gente vai discutir a novelinha todo dia, mas ela também pode discutir o futebolzinho de vez em quando, porque mulher não gosta entendeu, né.

Os resultados apresentados nessa categoria são apontados também na literatura como motivos de conflito (Faulkner et al., 2005; Giudici et al., 2011; Iveniuk, et al., 2014; Karahan, 2009; Pazo & Aguiar, 2012; Silva & Vandenberghe, 2009; Torossian et al., 2009). São problemas que os casais referem, normalmente, no início do casamento e que são resolvidos paulatinamente, enquanto outros surgem ao longo do ciclo vital. A emergência desse resultado no relacionamento de participantes em casamentos de longa duração ($M=27,11$), aponta para algumas possibilidades: são problemas que geravam conflito no início do casamento, mas foram resolvidos; permanecem gerando atrito entre o casal; foram citados como exemplo de questões que não mudam, mesmo depois de longo tempo de convivência.

Na categoria “tempo para ficar juntos” são apontados fatores que atrapalham a vida conjugal e o tempo que os parceiros poderiam aproveitar juntos como marido e mulher. **H4:** *eu acho que o mais difícil hoje, é o nível de estresse que a vida moderna deixa tanto pra um quanto pro outro. Os problemas ainda da casa e todos os problemas individualizados dos quatro filhos, a função toda, a absorção toda, o nível de estresse que cada um traz [...]. É um turbilhão sabe, a vida moderna hoje ela tá muito exigente, e pra ti absorver isso tudo, essa pressão, é complicado. Eu acho que esse é o grande problema da vida a dois hoje, como absorver esse nível de estresse que cada um chega, quando começa o momento a dois.*

Esse conteúdo sobre a falta de tempo para que os cônjuges possam ficar juntos como casal foi também o motivo com a maior média ($m=3,07$; $dp=1,95$) na escala de

conflito conjugal (etapa quantitativa). São apresentadas na escala seis variáveis que a literatura científica aponta como os principais motivos de discórdia no casamento, quais sejam: dinheiro, filhos, tarefas domésticas, tempo para ficar juntos, sexo e questões legais. Além disso, a variável “tempo para ficar juntos” foi comparada com os demais motivos de conflito e apresentou diferença estatisticamente significativa.

Esses resultados podem estar associados às características dos participantes do estudo, pessoas casadas, profissionalmente ativas e com filhos em diferentes etapas do desenvolvimento. Entre as razões para que isso ocorra, alguns pesquisadores (Faulkner et al., 2005; Giudici et al., 2011) citam o transbordamento do estresse da vida moderna para os relacionamentos conjugais. Além disso, a ausência de momentos de intimidade, e de vivência da vida a dois pode ser uma consequência do tempo dedicado ao gerenciamento das demandas familiares, profissionais e sociais ou, ainda, à falta de planejamento para que tais espaços possam existir. Tais questões provocam conflitos entre os parceiros que podem estar comunicando, dessa forma, a necessidade de estar mais próximos e unidos como marido e mulher, de compartilhar as dificuldades e se fortalecer para enfrentá-las.

Eixo III: Sentimentos que emergem durante os conflitos

Segundo os participantes, os conflitos geram ansiedade, raiva, mágoa e indignação nos cônjuges, emoções intensificadas se o problema não é resolvido. Além disso, se externalizados sem o devido auto controle, poderão provocar consequências negativas mais sérias do que o próprio motivo de conflito.

H1: *é aquela coisa interior, aquela raiva, emoção, impulso, adrenalina sabe, indignação. Enfim né, as vezes a gente pega algumas coisas assim que a gente vê com um certo excesso e tu também te indigna, natural né;* **M3:** *eu acho que no auge de*

qualquer tipo de conflito né, tu sempre vai ter aquele sentimento de mágoa ou raiva, dependendo da situação, frustração enfim, tu colocou uma expectativa numa situação que não aconteceu.

De acordo com os relatos, os conflitos podem provocar também reações psicológicas e fisiológicas nos parceiros. **H3:** *bá, é super ruim, quando fica uma coisa assim pendente é muito ruim. Por exemplo assim, ela me falou uma coisa que eu não gostei, eu vou ficar mal até eu resolver, mas de noite eu sei que vai ser resolvido, mas tu fica ruim, dá uma sensação ruim, bá, dá vontade de largar tudo né tchê, chutar o balde e deu;* **M4:** *as vezes eu fico brava na hora quando dá esses problemas. A gente fica chateada, fica brava, mas aquilo passa. Pra mim, eu, particular, é momentânea a minha braveza. Só que depois passa, pra mim é normal.*

Esses resultados corroboram outros estudos (Miller & Rempel, 2004; Sanford, 2006) quanto à reverberação negativa das emoções que emergem das situações de conflito. As semelhanças e diferenças encontradas quanto à canalização das emoções podem estar associadas com as características de personalidade de cada participante, como auto controle (Iveniuk et al., 2014; Pazo & Aguiar, 2012) ou apontar para a oscilação natural de emoções e reações às quais todas as pessoas, especialmente nas relações amorosas, estão suscetíveis (Bolze et al., 2013).

Ademais, em casamentos de longa duração, a satisfação global com a conjugalidade pode ser mais significativa que determinados conflitos (Smith et al., 2009). Ambas as possibilidades apontam que se pode lidar com as emoções em um espectro que engloba formas mais positivas ou negativas, impulsivas ou contidas e enfatizar os aspectos positivos da relação em detrimento dos conflitos. Tais reações, diferentemente para cada casal, vão repercutir de forma idiossincrática sobre a conjugalidade. A repercussão destrutiva dos conflitos conjugais pode ser também uma

oportunidade para reavaliar o relacionamento, considerando os pontos positivos e negativos, os projetos de vida de cada cônjuge, o desejo de permanecer junto e, principalmente, se é possível continuar dialogando frente às divergências.

Considerações finais

Dentre os principais motivos de conflito conjugal encontrados nesse estudo, identificou-se os filhos, as experiências na família de origem, as finanças, as diferentes características e preferências de cada cônjuge e o tempo para ficar juntos. Esses resultados não diferem daqueles apontados nos estudos internacionais sobre os principais motivos de discórdia conjugal e podem apontar os temas mais sensíveis dentro de um casamento e que, portanto, merecem uma atenção maior na vivência da conjugalidade. Evidentemente, existirão especificidades próprias de cada dinâmica conjugal e que precisarão de um entendimento mais direcionado.

Os sentimentos dos parceiros durante as situações de discórdia emergiram como uma variável que pode interferir na resolução dos conflitos. Diante de emoções intensas que podem potencializar o problema, é importante avaliar o próprio estado emocional, tentar expressar os sentimentos de maneira respeitosa e focar nos pontos positivos do relacionamento.

Compreende-se como uma limitação deste estudo a dificuldade de reunir um grupo maior de pessoas para debater sobre temas relacionados aos conflitos no casamento e o risco de as discussões tenderem àquilo que se espera socialmente que seja dito. A recusa em participar de pesquisas na área acadêmica pode ser uma questão cultural, visto que, no Brasil, as pessoas não têm o hábito de responder pesquisas, diferentemente da realidade norte americana, por exemplo. Esta indisponibilidade prejudica metodologicamente o desenvolvimento de estudos mais robustos.

Por outro lado, reunir participantes em casamentos de longa duração, média de 27 anos de união, pode ser considerado um ponto forte dessa pesquisa, já que há poucos estudos sobre essa população no Brasil. Ademais, a comparação entre dados quantitativos e qualitativos, realizada neste estudo, possibilitou discutir os resultados em perspectivas diferentes e complementares, ampliando e aprofundando a compreensão do fenômeno investigado. Nesse sentido, os estudos mistos podem ser uma alternativa para tornar os resultados dos estudos mais significativos, apesar das dificuldades de fazer pesquisas no contexto nacional.

Entende-se que outras pesquisas sobre o referido tema precisam ser desenvolvidas no contexto nacional, especialmente em termos quantitativos, para ampliar o escopo de compreensão para outros grupos e, ainda, verificar se convergem com pesquisas internacionais. Investigar a percepção dos casais jovens, as novas formas de ser casal e as diferentes etapas do ciclo vital conjugal, contribuirá com o trabalho dos profissionais que atendem casais, famílias e indivíduos em sofrimento nessa etapa da vida.

Referências

- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M. W. Bauer & G. Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, trad., 7. ed., pp. 189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples: positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist, 15*(3), 175-184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades en*

Psicología, 27(114), 71-85. Retrieved from <http://kerwa.ucr.ac.cr/handle/10669/8892>
<http://kerwa.ucr.ac.cr/handle/10669/8806/browse?type=dateissued>

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar. In B. Carter, M. McGoldrick & Cols. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2. ed., pp. 7-28). Porto Alegre: Artmed.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(1), 31-63. doi: 10.1111/1469-7610.00003
- Curran, M., Ogolsky, B., Hazen, N., & Bosch, L. (2011). Understanding marital conflict 7 years later from prenatal representations of marriage. *Family Process*, 50(2), 221-234. doi: 10.1111/j.1545-5300.2011.01356.x
- Darling, N., Cohan, C. L., Burns, A., & Thompson, L. (2008). Within-family conflict behaviors as predictors of conflict in adolescent romantic relations. *Journal of Adolescence*, 31(6), 671-690. doi:10.1016/j.adolescence.2008.10.003
- Faulkner, R. A., Davey, M., & Davey, A. (2005). Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33(1), 61-83. doi: 10.1080/01926180590889211
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.
- Giudici, F., Widmer, E., & Ghisletta, P. (2011). A sociological assessment of conjugal conflict. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 67, 9-21. Retrieved from <http://www.edwidmer.org/files/other/ASociologicalAssessment>
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and marital conflict resolution: implications for emotional security and adjustment. *Journal of*

Family Psychology, 21(4), 744–753. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.744

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2013). *Estatística de Registro Civil*. vol. 40. Rio de Janeiro: Autor. Retrieved from

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2013_v40.pdf

Iveniuk, J., Waite, L. J., Laumann, E., McClintock, M. K., & Tiedt, A. D. (2014).

Marital conflict in older couples: positivity, personality, and health. *Journal of Marriage and Family* 76(1), 130-144. doi: 10.1111/jomf.12085

Karahan, T. F. (2009). The effects of a couple communication program on the conflict resolution skills and active conflict tendencies of Turkish couples. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 35(3), 220-229. doi: 10.1080/00926230802716344

Miller, P. J., & Rempel, J. K. (2004). Trust and partner-enhancing attributions in close relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(6), 695-705.

doi: 10.1177/0146167203262803

Minayo, M. C. S., Souza, E. R., Constantino, P., & Santos, N. C. (2008). Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: M. C. S. Minayo, S. G. Assis & E. R. Souza (Org's). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais* (20. ed. pp. 71-103). Rio de Janeiro: RJ, Fiocruz.

Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002

Pazo, C. G., & Aguiar, A. C. (2012). Sentidos da violência conjugal: análise do banco de dados de um serviço telefônico anônimo. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22(1), 253-273. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n1/v22n1a14.pdf>

Rehman, U. S., Janssen, E., Newhouse, S., Heiman, J., Holtzworth-Munroe, A., Fallis, E., & Rafaeli, E. (2011). Marital satisfaction and communication behaviors during

sexual and nonsexual conflict discussions in newlywed couples: a pilot study.

Journal of Sex & Marital Therapy, 37(2), 94-103. doi:

10.1080/0092623X.2011.547352

Sanford, K. (2006). Communication during marital conflict: when couples alter their appraisal, they change their behavior. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 256-265. doi:10.1037/0893-3200.20.2.256

Silva, L. P., & Vandenberghe, L. (2009). Comunicação versus resolução de problemas numa sessão única de terapia comportamental de casal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 43-60. Retrieved from <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/383>

Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2014). Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 388-397. doi: 10.1590/1678-7153.201427220

Smith, T. W., Berg, C. A., Florsheim, P., Uchino, B. N., Pearce, G., Hawkins, M., ..., Olsen-Cerny, C. (2009). Conflict and collaboration in middle-aged and older couples: I age differences in agency and communion during marital interaction. *Psychology and Aging*, 24(2), 259-273. doi: 10.1037/a0015609

Stieglitz, J., Gurven, M., Kaplan, H., & Winking, J. (2012). Infidelity, jealousy, and wife abuse among Tsimane forager-farmers: testing evolutionary hypotheses of marital conflict. *Evolution and Human Behavior*, 33(5), 438-448. doi: 10.1016/j.evolhumbehav.2011.12.006

Sullivan, K. T., Pasch, L. A., Johnson, M. D., & Bradbury, T. N. (2010). Social support, problem solving, and the longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 631-644. doi: 10.1037/a0017578

Topham, G. L., Larson, J. H., & Holman, T. B. (2005). Family of origin predictors of

hostile conflict in early marriage. *Contemporary Family Therapy*, 27(1), 101-121.

doi: 10.1007/s10591-004-1973-2

Torossian, M. S., Heleno, M. G. V., & Vizzotto, M. M. (2009). Relacionamento conjugal e o fenômeno da violência doméstica: um estudo de caso. *Mudanças- Psicologia da Saúde*, 17(1), 12-16. Retrieved from <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/1929/1937>

Verhofstadt, L. L., Buysse, A., Ickes, W., De Clercq, A., & Peene, O. J. (2005). Conflict and support interactions in marriage: an analysis of couples interactive behavior and on-line cognition. *Personal Relationships*, 12(1), 23-42. doi: 10.1111/j.1350-4126.2005.00100.x

Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF*, 17(2), 185-194. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000200002

2.2 Artigo II: Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: percepções de um grupo focal

Resumo

A resolução de conflitos no casamento está associada às estratégias utilizadas pelos cônjuges. Entretanto, a escassez de estudos sobre as estratégias e suas repercussões na conjugalidade revelam a necessidade de pesquisas. Objetivou-se identificar e compreender as estratégias de resolução de conflito utilizadas em casamentos de longa duração e suas reverberações na dinâmica conjugal. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Os dados foram coletados por meio de grupo focal, composto por nove pessoas, e submetidos à análise de conteúdo. A partir dos resultados identificaram-se estratégias de prevenção dos conflitos. Expectativas e estratégias podem mudar ao passo que certas características do parceiro e padrões de interação são estáticos e fazem parte da dinâmica conjugal que se atualiza e se retroalimenta por meio de questões individuais e conjugais. Novos estudos, empregando métodos quantitativos, poderão contribuir à compreensão das estratégias no casamento.

Palavras-chave: Casamento; Conflito Conjugal; Resolução de Problemas

Abstract

The resolution of conflict in marriage is associated with the strategies used by the spouses. However, the lack of studies on strategies and their impact on marital reveals the need for research. The objective was to identify and understand the conflict resolution strategies used in long-term marriages and its reverberations in the couple dynamic. This is a qualitative, exploratory and descriptive study. Data were collected through a nine people focus group and subjected to content analysis. From the results

were identified conflict prevention strategies. Expectations and strategies may change while some partner's characteristics and interaction patterns are static and are part of marital dynamics that updates and feeds itself through individual and marital issues. Further studies using quantitative methods, may contribute to the understanding of the strategies in marriage.

Keywords: Marriage; Marital conflict; Troubleshooting

Resumen

La resolución de conflictos en el matrimonio está asociada a las estrategias utilizadas por los cónyuges. Sin embargo, la falta de estudios sobre las estrategias y su impacto en el matrimonio revelan la necesidad de investigaciones. Se objetivó identificar y comprender las estrategias de resolución de conflicto utilizadas en matrimonios de larga duración y sus reverberaciones en la dinámica conyugal. Se trata de un estudio cualitativo, exploratorio y descriptivo. Los datos fueron recolectados por medio de un grupo focal, con nueve personas, y sometidos al análisis de contenido. Desde los resultados se identifican estrategias de prevención de los conflictos. Expectativas y estrategias pueden cambiar mientras que las características de algunos cónyuges y los patrones de interacción son estáticos y son parte de la dinámica de pareja la cual se actualiza y retroalimenta a través de cuestiones individuales y matrimoniales.

Otros estudios utilizando métodos cuantitativos, pueden contribuir a la comprensión de las estrategias en el matrimonio.

Palabras-clave: matrimonio; Conflicto Conyugal; Resolución de Problemas

Introdução

Os estudos sobre os conflitos conjugais apontam que as variações de uma

situação de conflito dentro do casamento dependerão, principalmente, da forma como os cônjuges tentarão resolvê-la (McNulty, O'Mara, & Karney, 2008; Paleari, Regalia, & Fincham, 2010; Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Leggett, Roberts-Pittman, Byczek, & Morse, 2012; Schoebi, Karney, & Bradbury, 2012; Veldorale-Brogan, Lambert, Fincham, & DeWall, 2013). Na literatura, essa tentativa de resolver os conflitos é chamada de estratégias de resolução, comportamentos, diante das situações conflituosas, por meio dos quais se busca, antecipadamente, solucionar o problema. As estratégias possuem duas características fundamentais: a) definição clara da área de conflito sobre a qual as respostas serão construídas, caso contrário, as estratégias serão inconclusas tanto quanto o problema; e b) desejo mútuo de investir na relação e na resolução dos conflitos (Carlson & Dinkmeyer, 1987; Leggett et al., 2012; Schoebi et al., 2012).

As estratégias são divididas em construtivas e destrutivas. As construtivas envolvem: compreender as limitações do parceiro e da relação; identificar os aspectos positivos de um conflito; investir na tentativa de resolver os problemas; comunicar de forma respeitosa opiniões e percepções; flexibilizar a negociação de interesses individuais com o parceiro, de modo que ambos tenham suas necessidades atendidas; gerenciar as próprias emoções; entre outras estratégias (Anderson & Johnson, 2010; Falcke, Wagner, & Mosmann, 2013; Rasera & Guanaes, 2010; Sierau & Herzberg, 2012; Sullivan, Pasch, Johnson, & Bradbury, 2010; Wheeler, Updegraff, & Thayer, 2010; Whiting, 2008).

De outra forma, algumas tentativas de resolver os conflitos interferem negativamente na situação, caracterizando-se como estratégias destrutivas. Estas envolvem: hostilidade frente às divergências; reclamações; retraimento; silêncio; discussões em tom exaltado sem consenso ou negociação; ofensas; acusações;

imediatismo; comportamentos de retirada diante da situação; indisposição à resolução dos conflitos; racionalização; foco excessivo nos interesses pessoais em detrimento dos conjugais, entre outras estratégias destrutivas (Anderson & Johnson, 2010; Falcke et al., 2013; Rasera & Guanaes, 2010; Sierau & Herzberg, 2012; Smith et al., 2009; Sullivan et al., 2010; Wheeler et al., 2010; Whiting, 2008).

A existência de estratégias construtivas e destrutivas não significa que um casal utilizará apenas uma dessas estratégias. É esperado que os cônjuges alternem entre essas duas formas durante um episódio de conflito e ao longo do ciclo vital (Wheeler et al., 2010; Falcke et al., 2013). Nesse sentido, quais fatores influenciarão para que estratégias construtivas de resolver os problemas predominem sobre as destrutivas?

Os estudos têm encontrado diferentes variáveis que interferem na forma como os cônjuges tentam resolver os seus conflitos. São apontadas: a área de conflito, conjugal ou pessoal (Verhofstadt, Buysse, Ickes, De Clercq, & Peene, 2005); as características específicas do conflito e da personalidade dos parceiros (Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011); e os efeitos ator e sócio durante as situações conflituosas (Cundiff, Smith, & Frandsen, 2012). Segundo Cundiff et al., as características de personalidade dos cônjuges produzem o efeito sócio, se os parceiros se influenciam reciprocamente, e o efeito ator, se expectativas e preconceções interferem na resolução do conflito, funcionando como uma profecia autorrealizadora.

Outros pesquisadores (Madhyastha, Hamaker, & Gottman, 2011) defendem que a resolução dos conflitos conjugais é determinada pela repercussão das interpretações que o próprio indivíduo faz dos motivos subjacentes ao conflito, semelhante ao efeito ator (Cundiff et al., 2012). Segundo Madhyastha et al. (2011), a resolução dos conflitos é influenciada também pelo que chamaram de inércia emocional, dificuldade de alterar determinados pensamentos e comportamentos por outros, uma vez que mudar exige

maior esforço e energia do que permanecer como está. Para os autores, tais questões seriam mais relevantes do que a influência mútua de positividade e negatividade oriunda da interação.

Veldorale-Brogan et al. (2013) referem que a resolução dos conflitos é mediada por três domínios que compõem a teoria da atribuição: 1) comunicação, capacidade de negociação frente às divergências; 2) virtude, capacidade de perdoar os erros do parceiro e se doar ao relacionamento; e 3) identidade, sentimentos de segurança e auto estima equilibrada. Segundo os pesquisadores, o domínio comunicação é perpassado pelos outros dois, isto é, dependerá do quanto se é virtuoso, capaz de perdoar erros, tolerar as limitações do relacionamento e se doar para que ele melhore e do quanto se está seguro e bem consigo mesmo.

Além disso, defende-se que os comportamentos de apoio durante as situações de conflito, característica dos cônjuges virtuosos, aumentam a intimidade e a proximidade com o parceiro, que se sentirá compreendido em seus desejos, necessidades e valores. E, ainda, que a percepção de aspectos positivos no casamento contribui para a resolução construtiva dos conflitos, enquanto enfatizar os problemas repercute negativamente (Veldorale-Brogan et al., 2013).

Tais pressupostos corroboram as pesquisas sobre as dimensões positiva e negativa do perdão (Fincham, Beach, & Davila, 2004; Fincham, Beach, & Davila, 2007; Paleari et al., 2010). A benevolência, dimensão positiva, é apontada como estratégia de resolução construtiva; trata-se da capacidade de identificar os pontos fortes do relacionamento e de si mesmo durante os conflitos conjugais. Segundo os autores, a benevolência reverbera também em comportamentos de cooperação e auto revelação entre os parceiros.

Por outro lado, McNulty et al. (2008) salientam que estratégias de benevolência

não funcionam ao serem os problemas conjugais graves e frequentes pois, em longo prazo, estas estratégias repercutem em menores níveis de satisfação conjugal. Nessas situações, seria mais indicado reconhecer e abordar ativamente o conflito ao invés de tentar identificar os pontos positivos da relação e de si.

Nesse sentido, atitudes avaliadas em um primeiro momento como negativas, como dar ordens, controlar e tomar decisões sem consultar o parceiro, mediam a resolução de conflitos graves e podem ser preditoras de satisfação conjugal nas relações em que há problemas mais sérios como, por exemplo, uso de substâncias psicoativas. Porém, predizem declínio na satisfação conjugal diante dos problemas menos graves (McNulty et al., 2008; McNulty & Russell, 2010). Estes apontamentos podem indicar que a reverberação das estratégias de resolução dependerá, também, dos tipos de problema e do contexto, sendo importante avaliar cada situação antes de inferir um prognóstico da dinâmica conjugal.

Além disso, a dimensão negativa do perdão estaria associada às estratégias de resolução destrutivas. Tal dimensão envolve comportamentos de retaliação e esquiva e sentimentos de indignação, vingança e mágoa (Fincham et al., 2007; Paleari et al., 2010; McNulty, et al., 2008). Segundo os pesquisadores, se posturas de esquiva e retaliação estão presentes, os esforços para a resolução construtiva dos problemas serão desperdiçados. Em outras palavras, é equivocado pensar que o perdão às transgressões do parceiro justifica os comportamentos destrutivos, uma vez que estes comportamentos provocarão repercussões inversas e afetarão negativamente o relacionamento conjugal.

Pode se compreender que as estratégias de resolução dos conflitos conjugais estão associadas a diferentes variáveis. Segundo os pesquisadores (Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Leggett et al., 2012; Paleari et al., 2010; Tallman & Hsiao, 2004), a estratégia de cooperação, por exemplo, dependerá da participação ativa dos

cônjuges quanto a propor e aceitar ofertas conciliatórias e envolver-se efetivamente em comportamentos de mudança, que representarão mais esforços a curto prazo, porém, mais benefícios a longo prazo (Schoebi et al., 2012). Além disso, os autores referem que a cooperação dependerá de outros fatores, como a confiança mútua, a empatia e, principalmente, a satisfação conjugal (Paleari et al., 2010; Schoebi et al., 2012; Tallman & Hsiao, 2004; Verhofstadt et al., 2005).

Outras pesquisas (Simmons, Gordon, & Chambless, 2005; Seider, Hirschberger, Nelson, & Levenson, 2009) têm investigado também a utilização dos pronomes pessoais durante a interação conjugal. Segundo os pesquisadores, o emprego dos pronomes revela informações sobre a qualidade da interação e do vínculo entre os cônjuges, sobre a forma como as emoções são expressas e reguladas e sobre como os problemas são resolvidos.

Os pronomes são divididos em integradores e de separação. Os integradores, eu e nós, produzem soluções mais positivas para os conflitos e implicam no trabalho conjunto entre os cônjuges, mesmo quando a conversa está focada em uma área conflituosa. O pronome de separação, tu, remete a um sentido maior de independência e distância no relacionamento e está associado com a insatisfação conjugal e com interações mais negativas durante as situações de conflito.

Finalmente, percepções, necessidades, expectativas e comportamentos sofrem alterações ao longo do tempo de casamento, possivelmente, associadas com a etapa do ciclo vital do casal e com o amadurecimento individual e da própria dinâmica conjugal (Bertoni & Bodenmann, 2010; Hahlweg & Richter, 2010; Silva & Vandenberghe, 2009). Tal pressuposto indica que as estratégias de resolução de conflito podem mudar (Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Smith et al., 2009; Stieglitz, Gurven, Kaplan, & Winking, 2012). Por esse motivo, e considerando que a presente investigação enfoca

casamentos de longa duração, avaliar o tempo de relacionamento é fundamental. Como parâmetro para esta variável, foram consideradas relações conjugais de longa duração aquelas com tempo de união superior a média dos casamentos oficiais no Brasil que, segundo dados do IBGE (2013), são de 15 anos.

Diante do exposto, percebe-se que estratégias construtivas e destrutivas coexistem e podem mudar ao longo do tempo de casamento. Como prevenir estratégias destrutivas no casamento? Segundo Johnson et al. (2005) e Gottman (1998), mudar padrões de interação pode alterar também as estratégias de resolução dos conflitos. Whiting (2008) defende mudanças no comportamento, na percepção do outro e da relação, nas atitudes, no compromisso com o parceiro e no senso de responsabilidade pessoal sobre os problemas. Outros estudos apontam que o casal precisa dispor de um espaço para comunicar suas dificuldades e queixas, mudar questionamentos e percepções sobre os conflitos e identificar aspectos positivos (Fincham et al., 2004; Fincham et al., 2007; Paleari et al., 2010; Rasera & Guanaes, 2010; Veldorale-Brogan et al., 2013).

Além disso, resolver os problemas por meio de estratégias construtivas repercute positivamente na conjugalidade através de maiores níveis de qualidade e satisfação (Mosmann, Wagner, & Sarriera, 2008), reforça a aliança entre os cônjuges e os fortalece diante do estresse diário (Anderson & Johnson, 2010). De outra forma, utilizar estratégias destrutivas leva a menores níveis de satisfação conjugal, provoca sentimentos de mágoa e de angústia e pode culminar em separação (Paleari et al., 2010; Zordan, Wagner, & Mosmann, 2012).

As estratégias de resolução dos conflitos conjugais têm sido expressivamente investigadas no contexto internacional, porém, há significativa carência de estudos nacionais sobre o tema (Bolze, Crepaldi, Schmidt, & Vieira, 2013). Além disso, é

necessário investigar a interação entre as diferentes estratégias, construtivas e destrutivas, e variáveis como, tipos de problema, características dos parceiros, padrões de interação e tempo de casamento. Desse modo, essa pesquisa objetivou identificar e compreender as estratégias de resolução de conflito utilizadas em casamentos de longa duração e a sua reverberação na dinâmica conjugal.

Método

Delineamento: trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Analisaram-se as experiências e significações que emergiram da interação entre os participantes do grupo focal com o objetivo de conhecer o fenômeno, obter novas percepções, identificar as relações existentes entre os elementos que o compõem e descrever as características encontradas (Gibbs, 2009; Turato, 2008).

Participantes: os participantes foram selecionados de uma amostra de 200 pessoas que participaram de um estudo maior XXX. Os respondentes que marcaram a opção “tenho interesse em participar de outras pesquisas no XXX” foram contatados. Os participantes foram nove pessoas: cinco mulheres e quatro homens, heterossexuais, vivendo em união estável com outras pessoas que não os membros do grupo, com filhos e residentes no XXX. A idade mínima dos participantes foi de 40 anos e a máxima de 57 anos; o tempo de união variou de 20 a 32 anos; quanto à escolaridade, quatro participantes cursaram ensino médio ou técnico e cinco o ensino superior; todos exerciam atividade remunerada, trabalhando de seis a 14 horas/dia; a remuneração pelo trabalho variou de 2 e 4 salários mínimos ($n=4$), de 6 e 10 ($n=2$) e de 10 e 15 salários ($n=3$); o número de filhos foi de 1 a 4, sendo que a idade da prole variou de 2 a 31 anos de idade.

Instrumento: Grupo Focal. Os grupos focais são pequenos e devem acontecer

em ambiente não diretivo em que se discutem temas específicos. Além disso, nos grupos, acontece a influência mútua entre os participantes através da interação, propiciando a emergência de questões individuais e coletivas enriquecedoras do material de análise. Os participantes são selecionados de acordo com o objetivo do estudo que determinará as características do grupo (Flick, 2009; Minayo, Souza, Constantino, & Santos, 2008).

Coleta de dados: aproximadamente um ano depois de terem participado do estudo maior foram contatadas via telefone 38 pessoas. Destas, 17 declinaram do convite, 21 confirmaram participação e 9 comparecem no dia agendado para a realização do grupo focal. Na ligação telefônica os participantes foram convidados para um encontro em que se debateriam temas relacionados ao cotidiano da vida conjugal, como os motivos dos conflitos conjugais e as estratégias utilizadas para resolvê-los. Dois moderadores conduziram o grupo focal que aconteceu em espaço reservado na instituição de ensino à qual o projeto maior está vinculado. O encontro iniciou às 19h30min e terminou às 22h.

Análise dos dados: as conversações no grupo focal foram transcritas integralmente e examinadas através do método de análise de conteúdo, técnica que utiliza um conjunto de procedimentos sistemáticos, metodicamente explícitos e replicáveis através dos quais são feitas inferências válidas de um texto (Gibbs, 2009). As etapas que compuseram o processo de análise, segundo Bauer (2008), foram: a) leitura detalhada e repetida do material transcrito com o objetivo de conhecer integralmente o texto; b) identificação das unidades de sentido; c) categorização temática das unidades de sentido e agrupamento das categorias em eixos temáticos definidos *a posteriori*; d) identificação de intenções particulares, considerando o conteúdo manifesto, a interpretação e as inferências com base na experiência do

pesquisador e à luz da teoria sistêmica.

Procedimentos éticos: a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino e aprovada sob o parecer nº 495.313. O TCLE, lido e assinado pelos participantes, informou que o encontro seria gravado em áudio e vídeo, entretanto, seria preservada a identidade dos membros do grupo. Os participantes foram informados que poderiam desistir de sua participação antes de assinar o TCLE sem nenhum prejuízo e, ainda, que o risco de participar era sentir-se mobilizado em alguma temática abordada sendo, nestes casos, avaliada a situação e feitos os encaminhamentos necessários. Além disso, foram seguidas todas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas, envolvendo seres humanos, conforme orientações das Resoluções 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (2012) e 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (2000).

Resultados e discussão

Por meio da análise de conteúdo emergiram dois eixos temáticos. No eixo um “Estratégias de resolução dos conflitos conjugais” são apresentadas três categorias: a) estratégias de resolução construtivas; b) estratégias de resolução destrutivas e c) comportamentos que interferem nas estratégias de resolução dos conflitos. No eixo dois “Através do tempo: características individuais e conjugais”, são apresentadas duas categorias: a) características individuais estáticas e dinâmicas dos cônjuges e b) padrões de interação entre os cônjuges durante a resolução dos conflitos. As categorias são exemplificadas apenas com as falas mais representativas do conteúdo exposto. Para preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por códigos, quais sejam: homens como H1, H2, H3 e H4 e mulheres como M1, M2, M3, M4 e M5.

Eixo I - Estratégias de resolução dos conflitos conjugais

Nesse primeiro eixo temático são apresentadas as categorias: a) estratégias de resolução construtivas; b) estratégias de resolução destrutivas e c) comportamentos que interferem nas estratégias de resolução dos conflitos. Na primeira categoria, os participantes referiram que as estratégias que funcionam construtivamente diante dos conflitos são: conversar pacificamente; manter a calma e se controlar; avaliar as consequências do que será dito ao parceiro, especialmente, no momento da raiva. Ainda, escrever por meio de carta, *skype* ou mensagem de texto no celular, ao invés de falar, pois permite filtrar o conteúdo e repensar o que será dito; colocar-se no lugar do outro nas situações de conflito; perceber a hora de recuar; ter postura ativa diante dos conflitos, respeitar o parceiro, entre outras estratégias construtivas.

Algumas das estratégias mencionadas aparecem na seguinte parte da discussão:

M1: *dialogar e as vezes quando tu tá com muita raiva, eu pego e escrevo, já mandei cartas pro meu marido dentro de casa. Ainda bem que eu rasguei algumas né, porque eu escrevi tanta bobagem, eu escrevi tanta coisa, porque eu estava com tanta raiva;*
H1: *eu já resolvi alguns conflitos com a minha esposa até mesmo por mensagem. Já fizemos até comunicação por msn. Eu conversava com ela, dizia, olha, eu sei que pisei na bola. Tu errou comigo e tal. A gente ia se comunicando e era muito mais fácil, dessa vez foi muito mais fácil de se colocar as coisas;* **H4:** *o que resolve é uma boa conversa né. Diálogo.*

Estes resultados corroboram a literatura sobre as principais estratégias construtivas de resolução dos conflitos (Anderson & Johnson, 2010; Falcke et al., 2013; Rasesa & Guanaes, 2010; Sierau & Herzberg, 2012; Sullivan et al., 2010; Wheeler et al., 2010; Whiting, 2008). Além disso, a capacidade de dialogar, a demonstração de abertura para resolver o problema e o reconhecimento dos próprios erros estão

associados, respectivamente, aos três domínios da teoria da atribuição, comunicação, virtude e identidade, que constituem as estratégias de resolução dos conflitos, conforme proposto por Veldorale-Brogan et al. (2013).

Considerando que a média de tempo de união dos participantes do grupo foi de 27 anos, tais resultados corroboram os achados de Hoppmann e Blanchard-Fields (2011) sobre casais mais velhos utilizarem estratégias de colaboração e, também, outros autores (Seider et al., 2009; Simmons et al., 2005) sobre a corresponsabilidade pelo relacionamento, pelas dificuldades e conflitos que existem entre o casal. Conjectura-se que a maior parte das estratégias construtivas referidas estejam relacionadas à capacidade de ouvir o parceiro e colaborar para a resolução dos problemas. Este resultado pode ser entendido como um conjunto de fatores individuais e diádicos que interagem sistemicamente e, juntos, produzem efeitos mais positivos ou negativos, dependendo de como essa interação acontece.

Foi compreendida também como uma estratégia construtiva de resolução dos conflitos, a tentativa de identificar o momento em que o cônjuge demonstra estar receptivo para conversar sobre os problemas, **H4:** *eu fico as vezes dois, três dias, esperando um momento pra nós né, e que ela possa estar receptiva a uma conversa, não uma discussão. M3:* *eu acho que a gente tem que perceber, e eu aprendi isso a duras penas, perceber o outro, no sentido assim, agora é o momento que eu posso falar.* Este resultado pode indicar que avaliar o clima conjugal e o estado emocional do parceiro (Sullivan et al., 2010) é uma possível estratégia construtiva de resolução dos conflitos. Pode apontar também que a conexão emocional entre os cônjuges, a empatia e a auto revelação são efetivamente relevantes diante dos problemas conjugais (Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Leggett et al., 2012; Paleari et al., 2010; Tallman & Hsiao, 2004).

Ainda sobre o momento mais indicado para tentar resolver os conflitos, o grupo foi questionado sobre a percepção de si mesmo diante dos problemas, **M3:** *principalmente o momento em que a raiva já passou. Eu sempre me controlei muito. Minha irmã dizia assim pra mim, M3 tu pensa demais, vai lá e fala logo. E eu dizia, não dá, eu não consigo, não é a minha hora, eu tenho que sentir a hora;* **H2:** *era difícil eu dar o braço a torcer. Agora já não é mais tanto, mas eu era teimoso demais bah.* O resultado corrobora outros estudos (Cundiff et al., 2012; Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Veldorale-Brogan, 2013) sobre o processamento individual da informação antes, durante e após a ocorrência do conflito. Sentimentos e pensamentos são avaliados, prevendo que equívocos repercutirão negativamente ao ser o problema abordado, isto é, o indivíduo avalia as possíveis reações que terá diante da situação de conflito antes de conversar com o parceiro.

De acordo com a discussão realizada no grupo focal, diferentes posicionamentos sobre o momento oportuno para tentar resolver os conflitos foram identificados, **M2:** *a gente nunca deixa pra amanhã se não a briga gera dois dias;* **M5:** *eu deixava baixar a poeira, dormia, porque senão muita coisa tu vai falar que não precisa, até pra ti também poder se acalmar e ver o outro lado;*

As diferentes opiniões se o mais indicado é resolver o impasse na hora/dia em que ocorre, identificar o momento certo ou, ainda, adiar a resolução, podem indicar como estratégia construtiva avaliar o motivo e a gravidade do conflito (McNulty et al., 2008; McNulty & Russell, 2010). Além disso, que a expectativa e a necessidade de resolução do problema, no mesmo dia ou não, estão associadas às características de cada pessoa e à interpretação que faz da situação (Cundiff et al., 2012; Madhyastha et al., 2011).

Nesta categoria “estratégias de resolução destrutivas”, foram identificados

comportamentos de retaliação e a repercussão destrutiva que provocam entre os parceiros, conforme aponta a literatura (Fincham et al., 2007; Paleari et al., 2010; McNulty, et al., 2008). **M2:** *meu marido um dia bebeu e começou a me dizer um monte de coisa, ele me chamou de gorda, aí eu enfureci. Eu disse, ah tu precisa beber pra me ofender, pois então eu vou fazer a mesma coisa que tu [...]. Mas eu disse tudo que eu tinha vontade pra ele, bêbada também né, e não diz que bêbado esquece, porque bêbado não esquece. Eu me lembro de tudo que eu falei.* Apesar de a situação evidenciar padrões de interação disfuncionais, percebe-se que as estratégias encontradas por M2 para rebater as ofensas do marido e lidar com a situação foi revidar por meio de comportamentos de retaliação (McNulty et al., 2008; McNulty & Russell, 2010).

Além dessa estratégia, o grupo referiu como destrutivo, ser impulsivo, irritar-se, lidar com os problemas de forma excessivamente racional, impor que o outro mude seu jeito de ser, tentar adivinhar o que o cônjuge está pensando ou sentindo, desistir ou evitar resolver determinados conflitos, **H1:** *tu não pode desistir de uma situação, né. É que nem tu pegar a sujeira e jogar ela para baixo do tapete. Não! tu tem que enfrentar aquela situação;* **M3:** *a minha experiência é de que enquanto a gente quer tentar mudar o pensamento dele, não, eu não consegui nada [...]. No início, eu queria que ele fosse do meu jeito, que ele fizesse as coisas, então eu passei a aceitar isso e tipo a usar uma outra estratégia.*

Esses resultados são evidências de que o grupo possui clareza das estratégias funcionais e daquelas destrutivas para eles, corroborando outros estudos quanto às estratégias destrutivas (Anderson & Johnson, 2010; Falcke et al., 2013; Rasera & Guanaes, 2010; Sierau & Herzberg, 2012; Sullivan et al., 2010; Wheeler et al., 2010; Whiting, 2008). De acordo com a percepção do grupo, alguns conflitos podem ser resolvidos na hora, outros não, sendo necessário avaliar o motivo/área e a gravidade do

conflito, conforme indicam outros estudos (Hoppmann & Blanchard-Fields, 2011; Verhofstadt et al., 2005), o estado emocional (Sullivan et al., 2010) e a interpretação que cada cônjuge faz do problema (Cundiff et al., 2012; Madhyastha et al., 2011).

Além disso, pensar sobre o que será dito durante o conflito, segundo os participantes, pode evitar mágoas e arrependimento. Porém, tal postura não deve representar excesso de submissão, em que se aceitam quaisquer posicionamentos ou se assume a responsabilidade integral frente aos problemas (Smith et al., 2009). Compreende-se, a partir desses resultados, que uma diferença muito tênue determina se o desfecho de uma situação de conflito será mais positivo ou mais negativo, sendo portanto, desafiador para os cônjuges resolver os conflitos de forma construtiva. Tais resultados corroboram outros pesquisadores (Wheeler et al., 2010; Falcke et al., 2013) que defendem ser esperado que os parceiros oscilem entre estratégias construtivas e destrutivas ao longo do casamento.

Na última categoria foram identificados “comportamentos que interferem nas estratégias de resolução dos conflitos”. Os comportamentos encontrados foram: egoísmo, arrogância, orgulho, inflexão. Por outro lado, o grupo discutiu que, com o tempo, os cônjuges vão ficando mais tolerantes, compreensíveis e flexíveis, capazes de perceber que o jeito de ser e a opinião do parceiro precisam ser respeitadas, **M3:** *eu acho que aquilo que move a questão mesmo, seja que conflito for, é sempre o nosso egoísmo, não só do outro, o nosso egoísmo. Porque a gente tem uma tendência assim de querer que as coisas sejam do nosso jeito, sejam como eu acho que é certo;* **H4:** *é aí que entra a compreensão né. Vamos criar atrito por isso? Eu tive que aceitar, criar o meu nível de aceitação né, pra o meu nível de tolerância aumentar.*

Segundo os participantes do grupo, ao longo do tempo de união, os parceiros aperfeiçoam sua forma de compreender e gerenciar os impasses presentes no casamento,

sua capacidade de reconhecer as próprias fraquezas e a interpretação que fazem das situações de conflito. Tais comportamentos podem significar efetivamente uma mudança de postura diante dos problemas conjugais, confirmando o estudo de Schoebi et al. (2012) de que comportamentos de mudança reverberam positivamente na conjugalidade a longo prazo, proporcionando estabilidade conjugal, maiores níveis de satisfação com o relacionamento e prevenindo o risco de separação.

Eixo II - Através do tempo: características individuais e conjugais

Neste eixo temático são discutidas duas categorias: a) características individuais estáticas e dinâmicas dos cônjuges e b) padrões de interação entre os cônjuges durante a resolução dos conflitos. A partir das discussões do grupo, compreende-se que existem características individuais e determinadas situações no relacionamento que, muitas vezes, assumem um caráter definitivo, **H2**: *não vamos nem discutir porque não vai valer a pena. O que não tem solução, solucionado está, esquece, coloca uma pedra em cima*; **H3**: *só que isso, isso faz trinta anos e eu não consegui mudar, entendeu (referindo-se a uma característica da esposa)*; **M1**: *eu acho que isso depende do perfil de cada um, de cada pessoa, da personalidade também, porque se a pessoa já tem essa tendência mais meiga, de abrir mão assim da postura dela, de se malear né. Já não é o meu caso, eu sou impositiva, eu sou mandona. Eu não estou criticando, eu acho que paciência é uma virtude que eu tô trabalhando. Talvez o correto seria um meio termo, mas eu não sou assim*;

Os participantes referiram ter aceitado, com o tempo, que certas características do parceiro e da dinâmica conjugal iriam permanecer se repetindo e, provavelmente, não mudariam. Segundo eles, por meio da aceitação, tais situações deixaram de ser motivo de discórdia entre o casal. Por outro lado, foi referido que tal postura não

significa desistir dos problemas conjugais por dificuldades de iniciar um movimento de mudança (Cundiff et al., 2012; Madhyastha et al., 2011) mas, apenas, ter clareza de que nem todos problemas existentes em um casamento serão resolvidos.

Além disso, alguns comportamentos referidos pelo grupo parecem habilidades desenvolvidas ao longo do tempo de relacionamento ou que existiam, mas foram sendo aperfeiçoadas (Bertoni & Bodenmann, 2010), quais sejam: auto controle, clareza acerca das limitações presentes no casamento, expectativas reais em torno da conjugalidade e flexibilidade, **M5**: *eu era explosiva, já falava tudo, agora tu já vai vendo*; **H1**: *foi de um tempo pra cá, foi de um tempo pra cá* (questionado sobre a mudança de percepção sobre o seu casamento). *Eu acho que tem uma fase do teu relacionamento conjugal que a gente começa a ceder [...]. A gente tem que conviver com as diferenças, tem coisas que a gente muda e tem outras coisas que só o tempo. Vai passando o tempo, a gente vai amadurecendo, vai conseguindo o auto controle também, controlar essas emoções*; **M3**: *é uma aceitação da pessoa como ela é. Houve uma aceitação dele, ao longo do tempo obviamente né, teve todo um espaço de tempo ali que se pisou em ovos e aquela coisa toda, mas daqui um pouco a coisa foi se encaixando, daqui a pouco ele até me dava força, daqui um pouco ele até me incentivava.*

Esses resultados provocam reflexões sobre os fatores associados às mudanças que o grupo referiu terem acontecido ao longo do tempo de relacionamento. Conjecturam-se três possibilidades: a) os parceiros podem ter realmente conseguido diminuir áreas de tensão e conflito por meio de estratégias construtivas, b) avaliaram e aceitaram que determinadas características e situações não mudam ou c) renderam-se frente ao esforço de tentar mudar algo que parece ser difícil, por cansaço ou comodismo.

Tais hipóteses confirmam os pressupostos de que mudar é efetivamente difícil.

Porém, se a tentativa for bem sucedida, repercutirá positivamente na conjugalidade a longo prazo (Madhyastha et al., 2011; Schoebi et al., 2012; Sierau & Herzberg, 2012). Na terceira hipótese, os cônjuges decidem permanecer na relação, porém, não existe investimento e envolvimento em comportamentos efetivos de mudança, mas apenas o desejo de permanecer casado, situação apontada por Schoebi et al. (2012) como deletéria à conjugalidade.

A segunda categoria do eixo dois foi denominada “padrões de interação entre os cônjuges durante a resolução dos conflitos”. Os participantes falaram de contextos de interação conjugal e do que pensam sobre determinados padrões de interação, **M3:** *tu fala daquilo que tu pode fazer, porque sempre mudar o outro né... O outro pode até mudar em consequência das tuas atitudes. Ele vai mudar a postura dele, mas não que o teu querer, a tua vontade, seja a do outro;* **H1:** *talvez ela possa conviver com isso tranquilamente (referindo-se à participante que disse não tocar em assuntos que porventura possam magoar o cônjuge), mas nós, lá em casa, não convivemos dessa forma, na nossa personalidade, é o nosso caso;*

Essa categoria e a anterior são complementares, uma vez que a interferência das características individuais, durante a interação conjugal, provoca um padrão relacional através da influência que um membro da relação exerce sobre o outro. Além disso, os resultados dessa categoria diferem do que foi apontado por Madhyastha et al. (2011) pois sinalizam que a resolução dos conflitos também dependerá da interferência de negatividade e positividade que emerge da interação. Desse modo, os padrões de interação se retroalimentam por meio do individual, corroborando o efeito sócio na interação conjugal (Cundiff et al. (2012).

Nessa perspectiva, as características individuais diante das discórdias e das tentativas de resolvê-las, atualizam-se durante a interação entre os cônjuges e podem ser

compreendidas enquanto dinâmica do casal. Além disso, a variável tempo de casamento pode estar associada ao resultado encontrado, visto que, ao longo dos anos, o indivíduo passa por experiências pessoais e conjugais que alteram suas concepções de mundo, seus valores e, conseqüentemente, os padrões de interação entre o casal, constituindo uma complexa rede de interações que (se) atualizam constantemente a (na) dinâmica conjugal.

Considerações finais

Entre os resultados e contribuições desse estudo, a atenção sobre a conjugalidade emergiu como uma possível estratégia de prevenção dos conflitos. Trata-se de estar atento às próprias emoções e reações; à predisposição do parceiro ao diálogo e aproximação; ao clima conjugal e aos motivos e níveis de conflito, se mais ou menos graves, passíveis ou não de mudança. Tal “estratégia” poderia ser uma forma de evitar que os problemas ficassem mais difíceis de resolver, visto que preventivamente os cônjuges tomariam o cuidado de avaliar os critérios citados e que, neste estudo, emergiram como relevantes à resolução dos conflitos.

Além disso, foram identificadas características dinâmicas, que mudam, ao longo do tempo de casamento, devido ao investimento dos parceiros e das alterações que ocorrem no indivíduo e nos padrões de interação. Entretanto, emergiram também características estáticas, apontando peculiaridades do relacionamento e do jeito de ser dos cônjuges dificilmente passíveis de mudança. Se a decisão for permanecer na relação apesar das características e padrões de interação estáticos, investir nos aspectos positivos do parceiro e do relacionamento, reservar momentos de intimidade e se unir frente aos conflitos do dia-a-dia podem ser estratégias que contribuem para minimizar as áreas de tensão no casamento. Por fim, revelou-se importante refletir quanto às

expectativas dentro do relacionamento em três níveis: sobre si mesmo e o papel que exerce na relação, sobre o parceiro e sobre a conjugalidade, para que sejam reais e possíveis de atingir.

Pode ser uma limitação deste estudo, ter analisado conflitos e estratégias aparentemente bem sucedidas, de modo que o discurso está, em certa medida, elaborado. Acontece que o número de pessoas que concordam em contribuir com as pesquisas, conforme descrito no item “coleta de dados”, é bastante reduzido. Geralmente, as pessoas que participam das pesquisas apresentam baixos níveis de conflito no casamento, enquanto casais que enfrentam dificuldades mais acentuadas, tendem a declinar dos convites.

Por outro lado, pessoas em casamentos de longa duração debateram sobre conflitos conjugais, estratégias e mudanças que aconteceram ao longo de todo um percurso conjugal, o que possibilitou ampliar as discussões do tema proposto. Além disso, as variáveis que, neste estudo, contribuíram para a compreensão da reverberação das estratégias de resolução na dinâmica conjugal, características individuais, tempo de casamento e padrões de interação, podem ser testadas, em futuras pesquisas com método quantitativo, a fim de verificar se e como predizem as estratégias de resolução dos conflitos conjugais.

O estudo explorou estratégias de resolução dos conflitos conjugais, citadas na literatura nacional e internacional, corroborando a maior parte dos resultados encontrados nestas pesquisas. Possibilitou compreender também que as diferentes estratégias e a reverberação que provocam na dinâmica conjugal estão associadas a outras variáveis que precisam ser melhor investigadas. Para tanto, recomenda-se que outros estudos sejam feitos, especialmente através de delineamento explicativo, para que no contexto nacional, seja ampliado e aprofundado o conhecimento científico sobre

as variáveis associadas mais fortemente às diferentes estratégias de resolução do conflito conjugal.

Referências

- Anderson, S., & Johnson, L. (2010). A dyadic analysis of the between and within system alliances on distress. *Family Process, 49*(2), 220-235. doi: 10.1111/j.1545-5300.2010.01319.x
- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, trad., 7. ed., pp. 189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bertoni, A., & Bodenmann G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples: Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist, 15*(3), 175-184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades en Psicología, 27*(114), 71-85. Retrieved from <http://kerwa.ucr.ac.cr/handle/10669/8892>
- Carlson, J., & Dinkmeyer, D. (1987). Adlerian marriage therapy. *The American Journal of Family Therapy, 15*(4), 326-332. doi: 10.1080/01926188708250692
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (2006). *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Cundiff, J. M., Smith, T. W., & Frandsen, C. A. (2012). Incremental validity of spouse ratings versus self-reports of personality as predictors of marital quality and behavior during marital conflict. *Psychological Assessment, 24*(3), 676-684. doi: 10.1037/a0026637
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2013). Estratégias de resolução de conflito e

violência conjugal. In T. Féres-Carneiro (Eds.), *Casal e Família: transmissão, conflito e violência* (pp. 159-176). São Paulo: Caso do Psicólogo.

Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davilla, J. (2004). Forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 72-81. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.72

Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2007). Longitudinal relations between forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of Family Psychology, 21*(3), 542-545. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.542

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.

Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology, 49*(1), 169-197. doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.169

Hahlweg, K., & Richter, D. (2010). Prevention of marital instability and distress: Results of an 11-year longitudinal follow-up study. *Behaviour Research and Therapy, 48*(5), 377-383. doi: 10.1016/j.brat.2009.12.010

Hoppmann, C. A., & Blanchard-Fields, F. (2011). Problem-solving variability in older spouses: How is it linked to problem, person, and couple-characteristics? *Psychology and Aging, 26*(3), 525-531. doi: 10.1037/a0024114

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2013). *Estatística de Registro Civil*. vol. 40. Rio de Janeiro: Autor. Retrieved from http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2013_v40.pdf

Johnson, M. D., Cohan, C. L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R. D., Karney, B. R., ... Bradbury, T. N. (2005). Problem-solving skills and affective expressions as predictors of change in marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(1), 15-27. doi: 10.1037/0022-006X.73.1.15

- Leggett, D. G., Roberts-Pittman, B., Byczek, S., & Morse, D. T. (2012). Cooperation, conflict, and marital satisfaction: Bridging theory, research, and practice. *The Journal of Individual Psychology*, 68(2), 182-199. Retrieved from <http://connection.ebscohost.com/c/articles/76259603/cooperation-conflict-marital-satisfaction-bridging-theory-research-practice>
- Madhyastha, T. M., Hamaker, E. L., & Gottman, J. M. (2011). Investigating spousal influence using moment-to-moment affect data from marital conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 292-300. doi: 10.1037/a0023028
- McNulty, J. K., O'Mara, E. M., & Karney, B. R. (2008). Benevolent cognitions as a strategy of relationship maintenance: "Don't sweat the small stuff" ... but it is not all small stuff. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94(4), 631-646. doi: 10.1037/0022-3514.94.4.631
- McNulty, J. K., & Russell, V. M. (2010). When "negative" behaviors are positive: A contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes in relationship satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 587-604. doi: 10.1037/a0017479
- Minayo, M. C. S., Souza, E. R., Constantino, P., & Santos, N. C. (2008). Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & E. R. Souza (Org's). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais* (pp. 71-103). 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002
- Mosmann, C. P., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: O perfil discriminante de casais com filhos

- adolescentes. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 22(2), 161-182.
- Retrieved from <http://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/352>
- Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2010). Forgiveness and conflict resolution in close relationships: Within and cross partner effects. *Universitas Psychologica*, 9(1), 35-56. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64712156004>
- Rasera, E. F., & Guanaes, C. (2010). Momentos marcantes na construção da mudança em terapia familiar. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26(2), 315-322. Retrieved from <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/viewArticle/383>
- Schoebi, D., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2012). Stability and change in the first 10 years of marriage: Does commitment confer benefits beyond the effects of satisfaction? *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(4), 729-742. doi: 10.1037/a0026290
- Seider, B. H., Hirschberger, G., Nelson, K. L., & Levenson, R. W. (2009). We can work it out: Age differences in relational pronouns, physiology, and behavior in marital conflict. *Psychology and Aging*, 24(3), 604-613. doi: 10.1037/a0016950
- Sierau, S., & Herzberg, P. Y. (2012). Conflict resolution as a dyadic mediator: Considering the partner perspective on conflict resolution. *European Journal of Personality*, 26(3), 221-232. doi: 10.1002/per.828
- Silva, L. P., & Vandenberghe, L. (2009). Comunicação versus resolução de problemas numa sessão única de terapia comportamental de casal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 43-60. Retrieved from <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/383>
- Simmons, R. A., Gordon, P. C., & Chambless, D. L. (2005). Pronouns in marital interaction what do “you” and “I” say about marital health? *Psychological Science*, 16(12), 932-936. Retrieved from

<http://pss.sagepub.com/content/16/12/932.short>

Smith, T. W., Berg, C. A., Florsheim, P., Uchino, B. N., Pearce, G., Hawkins, M., ...

Olsen-Cerny, C. (2009). Conflict and collaboration in middle-aged and older couples: I age differences in agency and communion during marital interaction.

Psychology and Aging, 24(2), 259-273. doi: 10.1037/a0015609

Stieglitz, J., Gurven, M., Kaplan, H., & Winking, J. (2012). Infidelity, jealousy, and

wife abuse among Tsimane forager-farmers: Testing evolutionary hypotheses of marital conflict. *Evolution and Human Behavior* 33(5), 438-448. doi:

10.1016/j.evolhumbehav.2011.12.006

Sullivan, K. T., Pasch, L. A., Johnson, M. D., & Bradbury, T. N. (2010). Social support,

problem solving, and the longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of*

Personality and Social Psychology, 98(4), 631-644. doi: 10.1037/a0017578

Tallman, I., & Hsiao, Y. L. (2004). Resources, cooperation, and problem solving in

early marriage. *Social Psychology Quarterly*, 67(2), 172-188. doi:

10.1177/019027250406700204

Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:*

Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Veldorale-Brogan, A., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & DeWall, C. N. (2013). The

virtue of problem-solving: Perceived partner virtues as predictors of problem-solving efficacy. *Personal Relationships*, 20(3), 511-523. doi: 10.1111/j.1475-

6811.2012.01421.x

Verhofstadt, L. L., Buysse, A., Ickes, W., De Clercq, A., & Peene, O. J. (2005). Conflict

and support interactions in marriage: An analysis of couples interactive behavior and on-line cognition. *Personal Relationships*, 12(1), 23-42. doi: 10.1111/j.1350-

4126.2005.00100.x

Wheeler, L. A., Updegraff, K. A., & Thayer, S. M. (2010). Conflict resolution in mexican-origin couples: Culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 991-1005. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x

Whiting, J. B. (2008). The role of appraisal distortion, contempt, and morality in couple conflict: A grounded theory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(1), 44-57. doi: 10.1111/j.1752-0606.2008.00052.x

Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: Uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF*, 17(2), 185-194. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000200002

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O objetivo desta dissertação foi investigar os motivos de conflito, seus níveis, as estratégias de resolução de conflito e a reverberação destes fatores na dinâmica conjugal. Os principais motivos de conflito que emergiram nos resultados foram os filhos, as experiências na família de origem, as finanças, as diferentes características e preferências de cada cônjuge e o tempo para ficar juntos. Diante desses conflitos, os sentimentos, as expectativas, a predisposição ao diálogo e os efeitos do tempo tiveram caráter decisivo à sua resolução. Algumas estratégias, características pessoais e diádicas são estáticas enquanto outras são dinâmicas e estão suscetíveis e interferência de fatores externos como, por exemplo, o tempo de casamento e a família de origem.

Entre as limitações dessa dissertação citamos o grupo relativamente pequeno de participantes, devido à dificuldade de encontrar pessoas dispostas a contribuir com pesquisas. A recusa em participar dos estudos pode estar relacionada a um contexto cultural em que o desenvolvimento de pesquisas é pouco estimulado e difundido entre a população, prejudicando metodologicamente a realização de estudos mais robustos.

De outro modo, pessoas relatando vivências conjugais de casamentos com mais de 20 anos de duração pode ser considerado um ponto forte dessa pesquisa, já que há poucos estudos sobre essa população no Brasil. A comparação entre dados quantitativos e qualitativos, realizada neste estudo, é outro ponto forte. Possibilitou apresentar e discutir dados em perspectivas diferentes e complementares. Dessa forma, as dificuldades de se fazer pesquisas no contexto nacional podem ter como alternativa a realização de estudos misto, tornando os achados e a sua articulação mais interessantes.

Através desta pesquisa evidencia-se que o tema em questão necessita ser mais

explorados através de outras pesquisas especialmente no contexto brasileiro. Para tanto, recomenda-se que estudos quantitativos empregando delineamento explicativo sejam realizados para ampliar e aprofundar o conhecimento científico do tema em questão e sobre as variáveis associadas mais fortemente ao conflito conjugal e às estratégias de resolução especialmente entre os casais mais jovens, pensando em termos de prevenção dos conflitos.

Indica-se que pesquisadores e psicoterapeutas tenham um olhar sistêmico sobre o fenômeno investigado, atentando para as mudanças decorrentes do contexto e avaliando as especificidades de cada relacionamento conjugal. Os resultados e reflexões feitas nesta dissertação não esgotam as discussões sobre os conflitos conjugais e das estratégias de resolução, temas que devido a sua amplitude e constante atualização precisam permanecer sob investigação da ciência psicológica.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Adler-Baeder, F., Higginbotham, B., & Lamke, L. (2004). Putting empirical knowledge to work: linking research and programming on marital quality. *Family Relations*, 53(5), 537-546. Retrieved from <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.0197-6664.2004.00063.x/pdf>
- Anderson, S., & Johnson, L. (2010). A dyadic analysis of the between and within system alliances on distress. *Family Process*, 49(2), 220-235. doi: 10.1111/j.1545-5300.2010.01319.x
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268. Retrieved from <http://www.scientificcircle.com/pt/journal/103/psicol-reflex-crit/2006/0/19/2/>
- Bertoni, A., & Bodenmann G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples: positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15(3), 175-184. doi: 10.1027/1016-9040/a000015
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades en Psicología*, 27(114), 71-85. Retrieved from <http://kerwa.ucr.ac.cr/handle/10669/8892>
<http://kerwa.ucr.ac.cr/handle/10669/8806/browse?type=dateissued>
- Carroll, J. S., & Doherty, W. J. (2003). Evaluating the effectiveness of premarital prevention programs: a meta-analytic review of outcome research. *Family Relations*, 52(2), 105-118. doi: 10.1111/j.1741-3729.2003.00105.x
- Castro, P. F. (1999). Reflexões em psicologia e ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(1), 3-13. Retrieved from <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1130/832>

- Cummings, E. M. (1998). Children exposed to marital conflict and violence: conceptual and theoretical directions. In G. Holden, B. Geffner & E. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: theory, research, and applied issues* (pp. 55-94), Washington, DC: American Psychological Association.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(1), 31-63. doi: 10.1111/1469-7610.00003
- Cundiff, J. M., Smith, T. W., & Frandsen, C. A. (2012). Incremental validity of spouse ratings versus self-reports of personality as predictors of marital quality and behavior during marital conflict. *Psychological Assessment*, 24(3), 676-684. doi: 10.1037/a0026637
- Dush, C. M. K., & Taylor, M. G. (2012). Trajectories of marital conflict across the life course: predictors and interactions with marital happiness trajectories. *Journal of Family Issues*, 33(3), 341-368. doi: 10.1177/0192513X11409684
- Engle, J. M., & McElwain, N. L. (2013). Parental depressive symptoms and marital intimacy at 4.5 years: joint contributions to mothers-child and father-child interaction at 6.5 years. *Developmental Psychology*, 49(12), 2225-2235. doi: 10.1037/a0032450
- Gerard, J. M., Krishnakumar, A., & Buheler, C. (2006). Marital conflict, parent-child relations, and youth maladjustment a longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family Issues*, 27(7), 951-975. doi: 10.1177/0192513X05286020
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and marital conflict resolution: implications for emotional security and adjustment. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 744-753. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.744
- Graber, E. C., Laurenceau, J. P., Miga, E., Chango, J., & Coan, J. (2011). Conflict and love: predicting newlywed marital outcomes from two interaction contexts. *Journal*

of Family Psychology, 25(4), 541-550. doi: 10.1037/a0024507

Madhyastha, T. M., Hamaker, E. L., & Gottman, J. M. (2011). Investigating spousal influence using moment-to-moment affect data from marital conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 292-300. doi: 10.1037/a0023028

Margolin, G., Gordis, E. B., & Oliver, P. H. (2004). Links between marital and parent-child interactions: moderating role of husband-to-wife aggression. *Development and Psychopathology*, 16(3), 753-771. doi: 10.1017/S0954579404004766

Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002

Mosmann, C. P., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: o perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 22(2), 161-182. Retrieved from <http://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/352>

Peuker, A. C., Habigzang, L. F., Koller, S. H., & Araujo, L. B. (2009). Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 439-445. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a04.pdf>

Rehman, U. S., Janssen, E., Newhouse, S., Heiman, J., Holtzworth-Munroe, A., Fallis, E., & Rafaeli, E. (2011). Marital satisfaction and communication behaviors during sexual and nonsexual conflict discussions in newlywed couples: a pilot study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(2), 94-103. doi: 10.1080/0092623X.2011.547352

Sandberg, J. G., Miller, R. B., Harper, J. M., Robila, M., & Davey, A. (2009). The impact of marital conflict on health and health care utilization in older couples. *Journal of Health Psychology*, 14(1), 9-17. doi: 10.1177/1359105308097938

- Schoebi, D., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2012). Stability and change in the first 10 years of marriage: does commitment confer benefits beyond the effects of satisfaction? *Journal of Personality and Social Psychology, 102*(4), 729-742. doi: 10.1037/a0026290
- Sierau, S., & Herzberg, P. Y. (2012). Conflict resolution as a dyadic mediator: considering the partner perspective on conflict resolution. *European Journal of Personality, 26*(3), 221-232. doi: 10.1002/per.828
- Silveira, F. F. (2011). Intervenções com pais: da alteração das práticas educativas parentais à inclusão de variáveis de contexto. *Estudos de Psicologia, 16*(3), 279-284. doi: 10.1590/S1413-294X2011000300010
- Veldorale-Brogan, A., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & DeWall, C. N. (2013). The virtue of problem-solving: perceived partner virtues as predictors of problem-solving efficacy. *Personal Relationships, 20*(3), 511-523. doi: 10.1111/j.1475-6811.2012.01421.x
- Wheeler, L. A., Updegraff, K. A., & Thayer, S. M. (2010). Conflict resolution in mexican-origin couples: culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family, 72*(4), 991-1005. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x
- Whiting, J. B. (2008). The role of appraisal distortion, contempt, and morality in couple conflict: a grounded theory. *Journal of Marital and Family Therapy, 34*(1), 44-57. doi: 10.1111/j.1752-0606.2008.00052.x

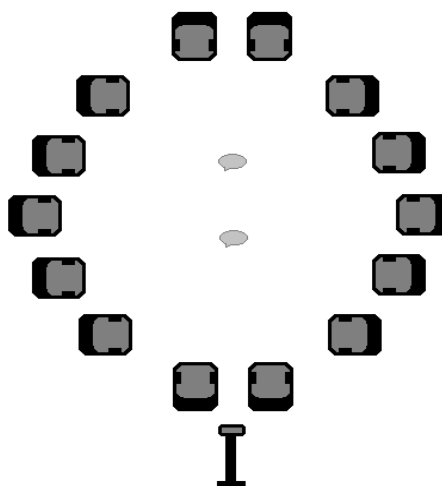
APÊNDICES

Apêndice A – Estrutura Grupo Focal

O planejamento para guiar a realização do grupo focal nesta pesquisa tem como base algumas etapas propostas por Flick (2009) e adaptadas para este estudo e consistirá nos seguintes passos:

I. Organização do ambiente

O encontro aconteceu na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Campus São Leopoldo. Endereço Av. Unisinos, 950. Bairro Cristo Rei CEP: 93.022-000. O local do encontro será preparado para a realização do grupo focal. Organizar-se-á um círculo com poltronas, reservando-se um espaço para os moderadores – principal e assistente. Um gravador será colocado no centro do círculo e uma Câmera Filmadora ficará atrás dos moderadores, conforme ilustra a Figura abaixo:



II. Acolhimento	Início:	0
	Duração:	15 min.

Os participantes serão recebidos pelo moderador assistente em uma parte da sala reservada para o coquetel, haverá música ambiente durante essa parte de acolhida. Neste momento, oportunizar-se-á que os participantes fiquem mais à vontade para se conhecer, aguardando a chegada de todo o grupo e ainda esclarecendo possíveis dúvidas com o moderador principal. Ainda nessa fase de acolhimento o moderador entregará aos participantes um crachá com o nome de cada um, preparado previamente, para que a identificação pessoal facilite a comunicação durante o encontro.

III. Abertura	Início:	15 min.
	Duração:	15 min.

Após percorrer o tempo estabelecido para o coquetel os participantes serão convidados a se acomodar nas poltronas dispostas em círculo, reservando-se previamente as duas poltronas dos moderadores. Em seguida, os moderadores procederão com o início da atividade.

a) Apresentação dos moderadores:

- # Nome (crachá)
- # Profissão
- # Papel desempenha na pesquisa

b) Leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Serão fornecidas duas cópias do TCLE para cada um dos participantes e sem seguida o documento será lido por um dos moderadores em voz alta. Após a leitura do termo será aberto espaço para perguntas e dúvidas. Após todos os esclarecimentos, o TCLE será assinado, sendo uma cópia recolhida pelos moderados e a outra deixada com os participantes.

c) Informações gerais

- # Localização dos banheiros
- # Indicação de que existe uma mesa com água mineral no fundo da sala
- # Os temas da discussão serão apresentados pelos moderadores
- # Os participantes não devem falar ao mesmo tempo para que todos sejam ouvidos e compreendidos bem
- # Cada um pode expressar o que pensa sobre o conteúdo da discussão e a opinião do outro deve ser respeitada
- # Não existe respostas para o que está sendo discutido, justamente por isso, se está fazendo a pesquisa e, portanto, é sempre importante que todos se posicionem durante os debates
- # Abre-se espaço para perguntas, dúvidas.

d) Apresentação dos objetivos do encontro

- # Investigar os desafios presentes no dia-a-dia da vida conjugal
- # Compreender como os cônjuges resolvem os conflitos/desentendimentos
- # Descobrir como as diferentes formas de resolver os problemas se refletem na vida a dois

e) Expectativas dos moderadores

Ressaltar o quanto é importante para a pesquisa que todos se envolvam e se posicionem perante os temas de discussão, pois quanto mais aquecido estiver o debate melhor serão os resultados do trabalho e maior a contribuição de todos para a compreensão da dinâmica conjugal e das diferentes formas de resolver conflitos. Tais resultados contribuirão para que se desenvolvam formas de auxiliar os casais que estão em sofrimento psíquico decorrente de dinâmicas conjugais marcadas por interações conflituosas frequentes, intensas e sem resolução, que terminam por criar um ambiente conjugal e familiar que prejudica a saúde mental dos cônjuges e de seus filhos.

IV. Aquecimento

Início: 30 min.

Duração: 10 min.

Tratando-se, nesta pesquisa, de um grupo artificial, em que os participantes não se conhecem *à priori*, e com características heterogêneas, homens e mulheres com diferentes níveis e motivos de conflito conjugal, realizar-se-á uma breve apresentação entre os participantes seguida de uma atividade para ressaltar aspectos comuns entre todos.

a) Preenchimento da Ficha de Dados Sócio-Demográficos e da Escala de Conflito Conjugal

Será entregue aos participantes a Escala de Conflito Conjugal (Buehler & Gerard, 2002, adaptada por Mosmann, 2007) e solicitado que a respondam. O objetivo é aquecer o grupo para a discussão sobre as relações conjugais que se iniciará em seguida.

b) Apresentação

Os participantes falam o nome, a profissão, tempo de união, se tem ou não filhos.

c) Aspectos Comuns

Para proporcionar maior aproximação entre os participantes, solicitar-se-á que cada um fale características dos relacionamentos íntimos que poderiam ser algo comum a todos que estão no grupo.

V. Discussão Temática: Relações Conjugais: real x ideal	Início:	40 min.
	Duração:	20 min.

O moderador principal lança o tópico que inaugurará a discussão através de algum estímulo - tese provocativa – neste caso o Vídeo do PRONEX. Em seguida faz-se o questionamento para que os participantes respondam e discutam:

a) O que se espera de um casamento?

Se houver apenas respostas objetivas e não se iniciar uma discussão entre o grupo o moderador pode sugerir questões para reflexão relacionadas aos estereótipos que se tem das relações íntimas:

“Uniram-se e viveram felizes para sempre”

- Que o casamento proporcione felicidade e satisfação integralmente
- Que seja um espaço para se viver apenas a intimidade conjugal
- Que transmita plenamente a sensação de segurança
- Que exista durante todo o tempo ajuda mútua, amizade, parceria
- Que exista amor, cumplicidade, fidelidade
- Que existam filhos

VI. Discussão Temática: Conflito Conjugal	Início:	60 min.
	Duração:	20 min.

Os moderadores iniciam a segunda discussão temática questionamento quais os principais motivos de conflito que os casais em geral enfrentam em suas relações.

a) Quais os principais motivos de desentendimentos entre os casais?

De acordo com a motivação dos participantes pode-se sugerir que as pesquisas apontam que os principais motivos de conflito estão relacionados com questões envolvendo:

- Dinheiro
- Sexo
- Filhos
- Tarefas domésticas
- Tempo que possam juntos
- Questões legais

Em seguida pergunta-se o que eles pensam a respeito desses dados, se concordam/discordam e por quê?

b) Quais sentimentos vêm à tona quando surge um conflito entre eles?

Diante deste questionamento, atentar que a pergunta investiga o fato de que o conflito é um fenômeno relacional intrinsecamente associado com aspectos coletivos e individuais dos cônjuges, fato que poderá interferir negativamente ou positivamente na resolução do conflito e na comunicação entre eles.

VII. Discussão Temática: Estratégias Resolução de Conflito

Início: 1 hora e 20 min.

Duração: 30 min.

Os moderadores devem explicar rapidamente aos participantes que a forma como eles resolvem seus conflitos são chamadas de estratégias de resolução de conflito. E que todos os casais utilizam ora estratégias construtivas, ora estratégias destrutivas para resolver os seus conflitos. A diferença é que a primeira resultará no manejo adequado e eficaz do problema e a segunda, além de não resolver o conflito de forma adequada, provocará efeitos negativos para a relação conjugal e familiar ao longo do tempo.

Após a explicação sobre as estratégias, seguir com questionamentos e deixar emergir o debate entre os participantes. Não é necessário fazer todas as perguntas listadas, apenas deve-se observar para que se discutam todas as questões propostas na lista.

a) Que fatores do dia-a-dia de um casal podem interferir para que a resolução de um conflito seja mais construtiva ou destrutiva?

Se nada emergir, podem-se sugerir questões como:

- Situações vividas no presente, no passado ou no futuro
- Questões que não foram bem resolvidas e geraram mágoas e lembranças negativas
- A interferência de outras pessoas
- Falta de tempo
- Indisposição para resolver os conflitos
- Entre outros fatores

b) Qual o melhor momento para se tentar resolver um conflito?

Se não emergir respostas ou discussão, o moderador pode sugerir:

- Quando o casal vai dormir

- Durante o almoço
- Em algum momento durante a tarde
- Por telefone
- No momento em que o conflito surgir
- Antes, durante ou depois de o casal ter feito sexo
- Em um momento reservado em que os filhos ou outras pessoas não estão por perto
- Durante um momento de lazer do casal

c) Quais as estratégias de resolução de conflito funcionam melhor para eles?

d) Quais estratégias usadas por eles não deram muito certo?

e) O que geralmente acontece quando as estratégias não dão certo?

f) O que acontece quando as estratégias funcionam bem?

VIII. Discussão Temática: Ensaio da Dinâmica Conjugal Início: 1 hora e 50 min.

Duração: 30 min.

Antes de simular uma situação que poderia gerar conflitos, os moderadores pedem que os participantes falem sobre o percurso que um casal percorre do surgimento ao encerramento de uma situação de conflito entre eles. Faz-se o questionamento e segue-se com a discussão de cada uma das partes do processo.

a) O que acontece na dinâmica de um relacionamento conjugal durante:

- i. Surgimento de um conflito
- ii. Estratégia de resolução (ou o que acontece depois que o conflito surge)
- iii. Efeito da tentativa de resolver o conflito
- iv. O que acontece depois que o conflito foi resolvido construtiva ou destrutivamente

Após a discussão, apresenta-se aos participantes uma situação difícil de gerenciar e que geralmente gera conflito entre os casais para que o grupo aponte possíveis estratégias de resolução daquele impasse, debate-se cada uma das estratégias citadas.

Exemplo I:

Uma pessoa do casal está magoada com algo que o seu parceiro fez. Aquele que magoou não percebeu os sentimentos provocados no parceiro e, por não saber o que está se passando, age normalmente. O que o membro da relação que se sente ressentido deve fazer?

Exemplo II:

Está chegando o final de semana, o casal sente um alívio só de pensar que depois de um mês exaustivo terão dois dias inteiros para descansar, o que é muito raro acontecer, pois as vezes precisam dedicar algum tempo durante o sábado e o domingo para as atividades profissionais. Ambos concordam que precisam sair da rotina o que implica em fazer algo em outro espaço, que não o do lar. Nesse momento um empasse acontece: ela quer ir passar o final de semana em Gramado, ele prefere ir para a propriedade da

sua família no interior, onde se encontrarão com os irmãos e pais dele. Como gerenciar nessa situação os diferentes desejos dos cônjuges?

IX. Encerramento	Início: 2 horas e 20 min.
	Duração: 10 min.

Após discussão e esgotamento dos temas propostos, encerrar-se-á o grupo focal.
Procedimentos:

#Entregar aos participantes uma Ficha de Avaliação e solicitar que escrevam breve avaliação do grupo focal. As questões que constam na ficha são:

- Como você se sentiu durante as discussões?
 - Como foi a experiência de participar de um grupo que debateu questões relacionadas às dificuldades e desafios da vida conjugal?
 - Quais sugestões você tem para outros trabalhos semelhantes a este?
 - Quais as principais reflexões que você fez a partir das discussões que aconteceram?
- # Após o preenchimento da ficha de avaliação, finalizar o encontro.
- Agradecer a participação e a contribuição de todos
 - Informar que os resultados serão repassados por e-mail àqueles que desejarem

X. Encaminhamentos	Duração Grupo Focal	2 horas e 30 min.
---------------------------	----------------------------	-------------------

Notando que algum dos participantes do grupo focal demonstra ter se sensibilizado devido às discussões que aconteceram no encontro, os moderadores conversarão individualmente com a pessoa e, se necessário, encaminharam para atendimento psicoterápico no Projeto de Atenção Ampliada à Saúde da UNISINOS. Nesse sentido, colocar-se-ão a disposição para conversar individualmente com quem desejar.

Apêndice B - Dados Sócio Demográficos e Escala de Conflito

Pedimos que preencha todos os campos abaixo solicitados.

1. Idade: _____ anos

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Situação conjugal: () *Casado(a) oficialmente* () *Morando juntos/união estável*

4. Há quanto tempo tu estás com a atual companheira (o)? _____

5. Tu já foste casado(a) ou viveu como casal anteriormente? () *Não* () *Sim. Tempo de união: _____*

6. Escolaridade: () *Ensino Fundamental - 1º Grau* () *Ensino Superior*
() *Ensino Fundamental - 1º Grau incompleto* () *Ensino Superior Inc*
() *Ensino Médio - 2º Grau* () *Pós-graduação*
() *Ensino Médio - 2º Grau incompleto* () *Sem escolaridade*
() *Ensino Técnico*

7. Você exerce atividade remunerada? () *Sim* () *Não*

8. Quantas horas por dia, aproximadamente, tu trabalhas? _____

9. Informações sobre filhos:

Quantos filhos você tem? _____

Quais as idades? _____

10. Para fins de pesquisa, por favor, marque qual a tua renda pessoal:

() *Não tenho renda pessoal* () *De 4 a 6 salários mínimos* () *De 10 a 15 salários*
() *Até 2 salários mínimos* () *De 6 a 8 salários mínimos* () *De 15 a 20 salários*
() *De 2 a 4 salários mínimos* () *De 8 a 10 salários mínimos* () *Mais de 20 salários*

11. Tu já fizeste algum tipo de terapia? () *Não* () *Sim*

Qual? () *Individual* () *Casal* () *Família* () *Grupo*

Qual o motivo principal para a busca de terapia? _____

12. Qual a tua religião? () *Católica* () *Evangélica* () *Protestante* () *Espírita* () *Outra.*

Qual? _____

13. A lista abaixo é composta de assuntos sobre os quais os casais podem discordar. Pensando no teu relacionamento no ÚLTIMO ANO, marque com um X a frequência com que tu tiveste desentendimentos com relação aos seguintes temas:

	Quase Nunca (1)	Uma vez ao mês ou menos (2)	Diversas vezes ao mês (3)	Quase uma vez por semana (4)	Diversas vezes por semana (5)	Diversas vezes por semana (6)
1. Tarefas domésticas						
2. Dinheiro						
3. Tempo que vocês têm para ficarem juntos						
4. Sexo						
5. Filhos						
6. Questões legais (crédito, bens, contratos, etc)						

14. Existem várias maneiras de um casal lidar com desentendimentos sérios. Quando tu tens um desentendimento sério com teu companheiro(a), com que frequência tu:

	Nunca (1)	Raramente (2)	Algumas vezes (3)	Frequentemente (4)	Sempre (5)
1. Discutes calmamente?					
2. Discutes intensamente ou grita?					
3. Acabas batendo ou atirando coisas no outro?					